MAPA INDICADOR DO BRASIL

Sr. Patrício Rodrigues Galdeano, grande atacadista de cereais no Rio e em S. Paulo

Um sistema que supera o método antigo do ensino de geografia

Dentro de poucos dias, estudantes, professores, comerciantes e industriais, diretores de estabelecimentos de ensino, assim como todos os que se interessam sôbre qualquer aspecto da nossa geografia e história — poderão contar com um novo e eficiente sistema de ensino daquela matéria, com o Novíssimo Mapa Indicador do Brasil, feito de conformidade com a nova divisão territorial do Brasil, fixada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, nos termos da Lei n.º 311, de 2 de março de 1938.

Sôbre o referido trabalho, que é o mais atualizado e completo que existe, assim se exprime o Dr. OTTO BENDIX, cartógrafo-chefe do Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo:

> "Há muito tempo dedico-me ao estudo de mapas. Posso afirmar que o sistema a ser divulgado merece as melhores atenções dos estudiosos do assunto, quer sejam discípulos ou professores, quer, apenas, curiosos".

Trazendo as novas denominações das cidades e municípios do Brasil e as divisões dos novos territórios, o Mapa Indicador do Brasil será um prestimoso auxiliar de todos quantos necessitem de uma rápida e segura informação histórica ou geográfica.

No seu inquérito sôbre a utilidade e eficiência do referido trabalho, a nossa reportagem ouviu, também, a opinião de muitos técnicos especializados no assunto, que lhe fizeram lisonjeiras referências, e, entre inúmeros comerciantes e industriais, o Sr. Patrício Rodrigues Galdeano, que teve estas palavras:

> "Como comerciante, sinto a dificuldade enorme que a todos atormenta, quando recebemos cartas de cidades cujos nomes não existem nos guias e mapas; por isso é com entusiasmo que afirmo: o Mapa Indicador do Brasil veio preencher uma lacuna de que o comércio se ressentia de há muito".

A DEFESA ACUSA...

Muita gente houve que se acovardou ante o recrudescimento do fascismo no mundo. Os comunistas, porém, o enfrentaram com tal coragem, determinação e inteligência, que o venceram.

Em A DEFESA ACUSA..., de Marcel Willard, encontram-se as masi belas, emocionantes e vividas páginas, descrevendo o heroismo consciente dos comunistas arrastados às barras dos tribunais fascistas e burguêses, com o corpo alquebrado pelos suplícios infames e sádicos de seus algozes, mas com o espírito forte, invencível, iluminado pela chama imperecível da mais empolgante convicção política, da justiça da causa defendida.

Os mais célebres processos contra os comunistas e a forma extraordinàriamente heróica porque se comportaram em face de juizes parciais e indignos, encontram-se em A DEFESA ACUSA..., como exemplo a orientar quantos participam do movimento proletário de libertação.

Enterrado em lúgubre masmorra, sofrendo os mais atrozes suplícios, sabe o comunista que não está só e à mercê dos seus inimigos, porque a seu lado, agitando-se e clamando, estão sempre os seus camaradas pelo mundo afora a reclamar JUSTIÇA !

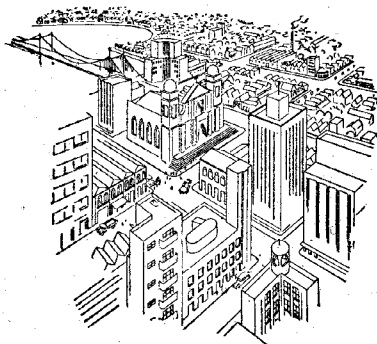
Marcel Willard aproveita como matéria central da obra o famoso processo de Leipzig contra Dmitrov (o incêndio do Reichstag), mas, para situar melhor o trabalho, que é empolgante, faz um estudo histórico do assunto desde o processo Babeuf (1796), depois Blanqui, Marx, os cartistas ingleses, a Primeira International, a Comuna de París, Ferré, Louise Michel, Jules Guesde, Liebknecht, Bebel, Rosa de Luxemburgo, Marti, Kuntz Klaus, Schultz, Edgar André, Matias Rakosi, Ana Pauker, Itsikava, etc., até os nossos próprios heróis — PRESTES, GHIOLDI e BERGER — que, embora não brasileiros os dois últimos, pelo tanto que lutaram e sofreram entre nós, como soldados da humanidade, inspiraram os espíritos bem formados a mais profunda admiração e o mais justo reconhecimento.

A DEFESA ACUSA... é um livro épico, que nenhum comunista pode desconhecer sem prejudicar sua formação moral e sua firmeza de convicções.

NAS LIVRARIAS — Cr$ 25,00 —— PELO REEMBOLSO — Cr$ 26,00

A ALMA DA 5.ª COLUMA É O INTEGRALISMO

Editorial CALVINO Limitada

Av. 28 de Setembro, 174 - Rio de Janeiro

EMILE ZOLA

O DINHEIRO

Tradução de BANDEIRA DUARTE
Ilustrações de OZON

EDIÇÕES ESTRELA VERMELHA

EDIÇÕES ESTRELA LIMITADA
Avenida Aparicio Borges, 207 - S. 1.003
RIO DE JANEIRO

ADMINISTRAÇÃO

Diretor
Sylvia de Leon Chalreo

Gerente
Durval Alvarez Serra

Redator-Chefe
Dias da Costa

Secretária
Maura de Sena Pereira

REDAÇÃO

Rua do Rosário, n.° 139, 1.° and.
— Sala 3 — Tel.: 23-3159

Rio de Janeiro

ENDEREÇO

Caixa Postal 2013

Telegrama ELP

Rio de Janeiro

OFICINA

"Vida Turfista"

Rua Sacadura Cabral, 183

Rio de Janeiro

PREÇO

Cr$ 2,00

Número atrazado: Cr$ 3,00

ESFERA

REVISTA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

SUMARIO

ALGUMA COISA HÁ... 11
ROMAIN ROLLAND 12
FRANÇA E LIBERDADE 13
PASTORAL 14
O POEMA QUE EU NÃO ESCREVI 17
ANIVERSÁRIO DA MORTE DE PAVLOV 18
ARTE CONTEMPORÂNEA 19
OS POMBOS DO PEQUENO PAULO 20
DANSA PARA TÔDAS AS CLASSES 23
GABRIELA MISTRAL 24
CARLOS SCLIAR 26
O TRABALHO DE DOIS CIENTISTAS 28
INVESTIDA 30
PERDON Y AMA 32
A B C DE DEFESA POLÍTICA 33
MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS 35
PARA UM MALOGRADO REVOLUCIONÁRIO EUROPEU 37
OS OPERÁRIOS ESCREVEM 38
BOLIVÁR, O LIBERTADOR 39
PALAVRAS QUE SOFREM 40
MISS TELEFONE... 41
RUINAS HÚMANAS 42
MESSIÂNICO 43
HOSPITAL BENEFICENTE DOS GRÁFICOS 44
NO MUNDO DA ESCULTURA 46
MAPA INDICADOR DO BRASIL 47
TEATRO 48

NUMERO 13 **MARÇO - 1946**

MARGUERITE AUDOUX

O ATELIER DE MARIA CLARA

Xilogravuras de ***RENEFER***

Tradução de ***DIAS DA COSTA***

Na mesma coleção

MARIA CLARA *- Marguerite Audoux*

O Pai Perdiz - Charles-Louis Philippe

PEDIDOS PELO
REEMBOLSO POSTAL

AV. APARICIO BORGES
207, s. 1.003
Fone: 42-5071 — Rio de Janeiro

EDIÇÕES ESTRELA LIMITADA

ALGUMA COISA HA'...

Um telegrama de Londres informou, há tempos, sôbre a conferência realizada lá, pelo sr. Alfred Ewing, provando que a humanidade não estava à altura de se adaptar aos modernos inventos e progressos.

"O erro fundamental foi pôr nas mãos do homem o comando da natureza, antes do homem aprender e saber como devia se dirigir a si próprio".

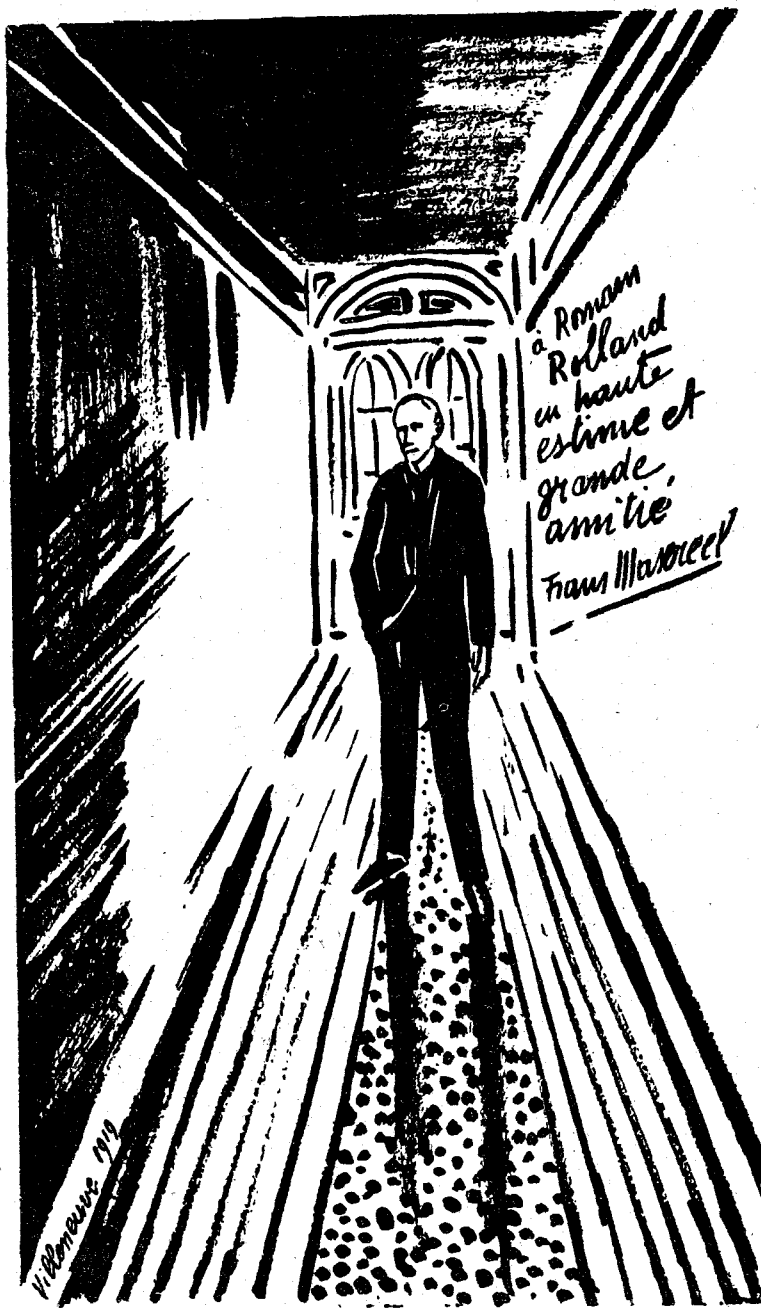
Citou o sr. Alfred Ewing os traços descobertos de certa espécie de sêres superiores, - espécie extinta porque possuia meios de combate aperfeiçoados em excesso.

Não sei se o ilustre conferencista ainda vive. Talvez tenha sido uma das vítimas dos raides aéreos organizados em Berlim para matar os inglêses em geral. Se não morreu, que pensará das consequências da bomba atômica? Nunca os meios de combate chegaram a tamanha perfeição! Que invento! Que progresso!

Ora, sem dúvida, os americanos formam uma espécie de sêres superiores apenas com as exceções dos isolacionistas, dos capitalistas de mais, e dos que, em todas as as espécies, não prestam mesmo para nada. Irão desaparecer os americanos?

Ou o sr. Alfred Ewing se equivocou e inverteu o seu pensamento? Têm acontecido casos semelhantes, em Londres e fóra de Londres. Até aqui. Por exemplo: alguns jornalistas, profissionais e amadores que andam escrevendo uns para os outros, — o que dizem, não é o que queriam dizer... é justamente o contrário... Eles são contra a opressão e a favor da liberdade. Por isso atacam os que lutam pela liberdade e combatem a opressão. Eles se convenceram que pertencem à União Democrática Nacional. E fazem o que podem para separar os brasileiros democratas. Principalmente, eles afirmam que nunca suportaram o Estado Novo, e estão ajudando a construção de um outro Estado com o mesmo adjetivo para atrapalhar... Fascistas inconcientes...

Há equívoco aí. Há pensamento invertido. Ou, então, há coisa pior...

ALVARO MOREYRA

à Romain
Rolland
en haute
estime et
grande
amitié
Frans Masereel
Villeneuve 1919

FRANÇA e LIBERDADE

O ÚLTIMO ESCRITO DE ROMAIN ROLLAND

Os vinte anos que fizeram a ponte entre uma e outra guerra viram o desmoronamento moral da alma francesa. A vaidade amargamente reconhecida das grandes esperanças, fundadas sôbre milhares de sacrifícios; o desencantamento dos grandes ídolos, explorados pelos políticos; uma atmosfera de facilidade gozadora e de indiferença egoista haviam roído as bases da energia francesa. Em uma Europa, semelhante a uma fonte ardente onde se forjavam os destinos exaltados das nações novas ou renovadas, delirante de orgulho e de ambição, a queda da França estava de antemão inscrita. Aos olhos daqueles que haviam conservado sua lucidez, era um pesadelo espantoso que, dia a dia, bloqueava o céu. A questão não era mais afastá-lo: tôda a questão estava em saber como a alma francesa o suportaria. Prova trágica — que se arriscava a ser mortal. E que quase o foi, aos olhos do mundo aterrado.

Já não era tanto o desabamento material, mas sim o abandono, a aceitação do desastre pelas almas — essa multidão de almas traídas por aqueles aos quais se haviam confiado. A abdicação pareceu completa — sem precedente, em tôda a história francesa...

E foi então que o milagre se realizou. Do fundo do abismo, jorrou o clarão da fé na França e,com êle, a flama sagrada da indestrutível esperança. Saltaram de todos os meios, de todos os partidos, de tôdas as classes sociais. E foi particularmente comovente na juventude intelecual.

O sacrifício da vida pareceria dever ser tanto mais penoso a realizar, quanto se achava no pórtico da existência independente e prestes a colher os mais doces frutos Era, portanto, a hora em que o sacrifício se cumpre mais generosamente, em pleno entusiasmo da jovem paixão que queima — para se dar e para receber. E tanto mais ela recebe, tanto mais dá...

Que beleza pura, simples e ardente nesses atos de renúncia, que são as cartas de adeus às famílias de tantos dêsses jovens condenados! Bem além de seu círculo íntimo, elas vão para a França eterna, que reivindica esses môços heróis, como seu tesouro.

Uns são os crentes; os outros, os não crentes. Ou melhor: uns acreditam que crêm e outros acreditam que não crêm. Mas a verdade é que todos crêm nas grandes fôrças eternas e participam de sua escalada. E eis o que outras épocas, apaziguadas, mas enfraquecidas, não conheceram nunca: a certeza do avante irresistível, nascido do contacto direto ,pelo sofrimento voluntário, consentindo, com os grandes destinos da Pátria. Esta Pátria — *nossa Pátria* — cuja missão, num mundo que tenta sempre cair na passividade, é a de defender e a de encarnar a Liberdade. Cada um dêsses jovens mortos afirmou a vida e a vitória da França e da Liberdade.

Eu proponho que uma estrêla, levando o nome dêsses heróis e dêsses mártires, seja ajustada ao ARCO DO TRIUNFO. E que esses nomes não sejam limitados a uma élite. Seleciona com justiça a messe dos sacrificados !

(Traduzido de "Pages Françaises" e "Les Nouvelles Littéraires", de 5 de abril de 1945).

PASTORAL

LIA CORRÊA DUTRA

O sol ficou para traz quando o homem começou a descer a ladeira, espichando ante seus passos uma estreita sombra comprida, que parecia puxá-lo na caminhada. Caminhada lenta, hesitante, cautelosa, com ligeiras paradas, arrancadas tímidas, arrastar de pés. O corpo meio curvado, parecendo querer diminuir. A sombra, não; era nítida, reta, muito longa e escorria sem interrupções, como uma água escura rolando o morro. E chegou antes do homem à presença de Seu Juca, acachapou-se a seus pés, feito um dos bichos do curral.

O sol da manhã tinha tomado conta do morro inteiro, estendera-se lustroso em cima do telhado, e ia agora se apoderando da parede fronteira da casa, do jardim, do terreiro, do corador de roupas, do curral. Só no pomar é que não entrara ainda, retida pela ramaria das jaboticabeiras. No ar subia uma poeira ruiva e fina, vinda da terra vermelha e do campo queimado para o novo pasto.

Seu Juca vira o homem descendo o morro. Era como se não tiveesse visto. Continuava atento, examinando o bezerrinho recémnascido. O filho de Maravilha tinha entre os chifres a mesma mancha negra do touro; era a cria mais bonita do ano. Seus olhos eram como duas bolas de vidro translúcido cheias de óleo escuro. Passava no focinho úmido a língua dura e côr de rosa. Dura e cor de rosa, a língua de Maravilha alisava sem cansar o pêlo do bezerrinho. Alto, débil, trêmulo, com as quatro pernas finas muito abertas, o filhote se encostava nela e mugia de vez em quando, sacudido por sua rude carícia. A vaca tambem mugia; longe, no pasto, as companheiras lhe respondiam, e ela então levantava um pouco a cabeça, perdia o olhar na distância, como se procurasse descobrir de onde vinha o som daqueles berros. A esse ruido se misturava o das latas de leite que o negro Manuel empilhava num canto, e as pancadinhas sêcas da mão do fazendeiro no lombo dos animais.

O homem que descera o morro tirara o chapéu, torcia-o entre os dedos. Tossiu de leve, arranhou um pé no outro. Tossiu de novo. Seu Juca, de mão espalmada, afagava ora a vaca ora o bezerro.

— "Seu Juca..."

Bonito, o filho de Maravilha. Que nome lhe daria? A filha estavá em São Paulo. Pena. Ela é que sabia arranjar nomes bonitos para os animais, nomes difíceis, tirados de livros. Como era mesmo o nome que tinha pôsto na novilha branca? "Desdêmona". Era isso. Os caboclos estúpidos depressa tinham transformado aquilo em "Demonha"... "Demônia"... bem que a novilha, falsa e arisca, merecia a correção.

— "Seu Juca..."

E se pusesse "Corisco"? Era bonito; era facil. Mas não havia fazenda nos arredores que não tivesse o seu boi de carro com o nome de *Corisco*. O touro de Agua Branca também era "Corisco". Diriam que tinha imitado o compadre .Coisa mais original. "Estrelado"? Não. Muito comum tambem. Apesar de que, aquela estrela na testa...

— "Seu Juca..."

Não. "Estrelado" não. A filha, se estivesse na fazenda, já teria sugerido um nome apropriado. Lembrava-se dos nomes que pusera em outras crias: Lúcifer, Rigoleto, Otelo, Moerninha, Lancelote, Capitú, Guaraní, Bandeirante, Gioconda...

— "Seu Juca..." — A voz tremia, vinha rouca, enrolada em pigarro, em fumo de rolo, em respeito, em angústia.

Seu Juca levantou os olhos, firmou-os no homem. Morador na fazenda, do outro lado do morro, numa casa de páu a pique e barro sêco, com um roçado, um milharal; seu meieiro. Aquela hora, deveria estar no cafezal. Se estava ali, é porque queria alguma coisa. Enquanto isso, o serviço parado.

Tinha a cabeça cheia de nomes de bois e de vacas. Não conseguiu lembrar-se do nome daquele homem. Mas sabia bem quem era. Trabalhador. Calado. Com uma filharada que pululava em volta da choça, mas, suja, descalça, de cabelos arrepiados, queimados de sol, duros e amarelos como palha de milho. Os três mais velhos já o ajudavam no roçado. Os menores eram como bacorinhos, chapinando na lama o dia inteiro. A mulher tinha sempre um no colo, outro na barriga; um enchendo-lhe as entranhas, outro esvaziando-lhe os peitos. Mulher alta e encardida, com os pés cheios de nós, as pernas azuladas de varizes e, ao contrário do marido, que era sizudo, sempre num riso aberto, sem dentes.

Esquecera-lhes o nome. Mas sabia bem quem eram.

— "Seu Juca..."

— "Diga logo o que quer, homem de Deus".

Tinha custado tanto a ser atendido, a chamar a atenção que agora era mais difícil falar. Difícil falar, difícil pedir. Uma coisa grossa na garganta, tapando a voz. Mas a vaca mugiu de novo, e aquele bezerro lembrou-lhe outros gritos. Gritos da mulher, dentro de casa.

— "Seu Juca... Não vê, Seu Juca..."

Já seu Juuca abaixara os olhos novamente, vigiava os passos trêmulos do bezerro. O danadinho ia de novo para as têtas da vaca, recomeçava a chupar com sofréguidão. Nascera com apetite, o guloso. Chamou o empregado: "Manoel, vai ser preciso amanhã mesmo apartar esse moléque". — "Moleque"? E por que não "Moleque"? O nome tinha saído expontaneamente. Pareceu-lhe bem achado. Podia não ser de livro, mas tinha graça, ficava bem no bezerro. Ou talvez não ficasse? Se fosse preto... Mas não era. Alvo, só com aquela mancha negra entre os olhos. Guardaria o nome para outra cria. Talvez "Indiana" desse uma cria tão negra quanto ela mesma, e então "Moleque" lhe caberia melhor.

— "Não vê, seu Juca que a mulher está passando mal..."

Aquela estrela na testa. O nome de uma estrela. Isso sim. Mas seria capaz de se lembrar do nome das estrelas? Soubera-o alguma vez? Vésper. Era e estrela da tarde. Até versos conhecia em que se falava em Vésper. Até uma canção. A falecida costumava cantar uma coisa mais ou menos assim:

"A noite desce
Vésper desponta..."

E havia alusões a sinos, a Ave-Maria, a camponeses rezando. Sorriu. Bonito, sim senhor. Nem a filha arranjaria melhor.

"Manoel, e se a gente pusesse nele o nome de Vésper?" — O negro largou os baldes de leite, aproximou-se, arreganhando o riso, concordou: — "E' bonito..."

E depois, tímido, arriscou a pergunta: "Quer dizer o que, Seu Juca?"

— "E' o nome de uma estrela. A estrela da tarde".

— "Anh... Pensei que fosse aquele bicho que parece abelha..."

Negro burro. Confundiu com vêspa. E os outros, na certa, confundiriam tambem. Olhou para o outro homem, que continuava imovel diante dele, a sombra de ambos misturada no chão, como se fossem uma só pessoa e não o dono da fazenda e seu meieiro. Distantes. Distantes. Perguntou: — "Não é bonito?"

— "E' muito bonito, Seu Juca..." — Aproveitou a deixa, continuou a expôr seu caso: — "Não vê o senhor, seu Juca, que a mulher está passando mal... Vai ter menino..."

Se lhe iam trocar o nome, antes arranjar outro. Mas qual? Que falta lhe fazia a filha nessas ocasiões! Tão agil na escolha, tão imaginosa, tão íntima dos livros. Estantes cheias na sala e no quarto. Centenas deles, romances e poesias. Quando estava em casa, era o dia inteiro agarrada com um livro. — "Menina, isso tambem é exagero... Isso dá cabo de seus olhos, menina! D e i x e êsse livro, vá lá para fora, vá apanhar um pouco de sol!" — E ela, como se nem tivesse ouvido, continuava a leitura. Pena que pouco parasse na fazenda. — "Aqui não se vive, Papai; vegeta-se". E ao menor pretexto, partia para o Rio, em casa da madrinha, para São Paulo, em casa dos tios. E por lá se ficava, meses e meses, gastando em cinemas e festas a mocidade sadia. Já podia estar casada, assentar a cabeça, ter um filho. Seria um bom neto, engatinhando na varanda, depois correndo entre os bezerros, no curral, trepando nas jabuticabeiras negras, pesadas de fruta madura, que apodrecia atôa, enchendo o ar de um cheiro ácido, sem nunca ter adoçado uma boca de criança... Seria bom ter um neto.

— "Vai ter menino, Seu Juca... Não passa de hoje. Está sofrendo muito. Das outras vezes não foi assim, não senhor. Nunca vi aquela criatura gritar para pôr os filhos no mundo, seu Juca, mas hoje, seu Juca, mal comparando, parece até que estão queimando ela viva... A gente ouve os gritos de longe".

"Maravilha" algumas horas antes enchera a madrugada de seus berros. Com as mãos pretas e hábeis Manuel ajudara-a a pôr o bezerro no mundo. Tinha soltado uns berros tão dolorosos que seu Juca acordara fôra para o curral, e, cheio de pena, lhe falara com voz macia: — "Isso acaba já, Maravilha... Vai parar de doer, Maravilha... O bezerro já vem aí: isso passa..." e batera-lhe de leve a mão pelos flancos enormes, que se contraiam de dor, tornavam a dilatar-se, apertavam-se de novo. Pena do sofrimento do animal tão manso, que o olhava com olhos quase humanos, líquidos, numa humildade de cortar o coração... Medo de perder a vaca na sua primeira cria, de perder o bezerro, já vendido por antecipação, no lote que entregaria dentro de dois meses. Prejuizo grande. Maravilha berrando, berrando.. Isso, algumas horas antes. E no entanto, agora ali estava, rija, lambendo o bezerrinho com a flexivel lingua molhada. A Natureza era boa; ajudava as fêmeas no seu trabalho de dar a vida.

— "Vocês não param de ter filho? Mal se aguentam, e é um filho por ano..." O homem sorriu embaraçado, vermelho de vergonha. — "Deus manda, Seu Juca..."

— "Que Deus nada, homem. Deixa Deus sossegado. Vocês deviam ter juizo, e não têm...

Um homem já velho, uma mulher que não é criança..."

O calor da vergonha avermelhava a pele escura, grossa, rachada como um couro mal curtido do rosto do homem. Não eram conversas, e desaprovava Seu Juca. Solene, de olhos baixos, esfregando um pé no outro, repetiu, numa dignidade teimosa: — "Deus manda, Seu Juca..." — Mas depressa se lembrou de que o outro era o patrão, e calou-se, embatucado.

Continuou a esfregar um pé no outro. A sola dos pés era dura como o casco de uma vaca. Gretada, quase negra, recoberta de uma camada espessa de lama sêca. Esfregava-se na parte nua das pernas, aparecendo sob a bainha arregaçada das calças, deixando riscos esbranquiçados. Aquelas solas tinham palmilhado todos os pontos da fazenda; tinham subido e descido a ladeira vermelha do morro, amassado o capim tenro dos pastos, afundado na imundicie do chiqueiro, na lama pastosa dos atoleiros. Tão duras, tornaram-se insensiveis às pedras, às picadas de bichos, aos espinhos. O dedo grande de cada pé arrebitava-se, distanciado dos outros. Seu Juca lembrou-se de tê-los visto enganchados no cabo da enxada, em baixo, perto da lâmina; lembrava-se de tê-los visto fazendo força na pá, para enterrá-la mais fundo na terra. Acudiu-lhe de repente uma cena muito longínqua, perdida no passado. A filha, pequenina, com quatro ou cinco anos, perguntara-lhe uma ver, entreabrindo as mãozinhas, fitando-as com interesse: — "Quem fez os dedos de nossas mãos, Papai?" — "Foi Deus". — "E para que é que Deus fez os dedos?" Explicaram-lhe a serventia: para tocar os objetos, para escrever, para segurar... E a menina, com os olhos pensativos depois de uma pausa perguntara: — "Então para que foi que Deus criou os dedos dos pés? Não servem para nada..." — Achara graça na observação da criança; realmente, não pareciam servir para nada. Entretanto, naquele homem, nos outros homens que capinavam seus roçados, tinham a sua utilidade, como se tudo neles servisse para o trabalho de cada dia. Gostaria que a filha estivesse a seu lado, olhando aqueles pés disformes.

— "Você não devia estar trabalhando? Que veio fazer aqui?"

— "Não vê, seu Juca, que a mulher está tendo menino. Passando muito mal. Então fiquei com ela, e vim pedir se o senhor podia, seu Juca, me adiantar dois milrezinhos para comprar uma qualquer coisa para aliviar ela, Seu Juca... Um remédio, um cházinho..."

— "Você não devia estar trabalhando?"

— "Devia, seu Juca, mas não vê, Seu Juca..."

— "Você devia estar trabalhando... Vá para seu trabalho, rapaz, que a colheita já está atrazada. Quando voltar para casa, há de encontrar a mulher boa e o filho berrando".

— "Seu Juca... Não vê, Seu Juca... O senhor não podia me adiantar os dois mil reizinhos?"

— "Não tenho".

— "Mas, Seu Juca... Dois mil reizinhos... Para um caso de precisão?"

— "Não tenho".

— "Seu Juca... Seu Juca... Só dois mil réis, Seu Juca!"

— "Não tenho, já disse".

O negro contemplava a cena, arfando, de olhos muito abertos. Seu Juca, de costas para o homem, dava tapinhas compassadas nas ancas enormes de Maravilha. A vaca levantou a cabeça, deitou os olhos tristes para a distancia, soltou um mugido longo, doloroso. O bezerrinho, trêmulo, chegando-se a ela, levantou tambem a cabeça, e mugiu duas ou três vezes, como se estivesse ensaiando, com as orelhas atentas ao som da própria voz. O homem abaixava o rosto, o queixo pontudo, coberto de um pêlo ralo, enfiado no lenço do pescoço, o chapéu rodando depressa entre os dedos aflitos. Insistiu ainda, mais baixo, a voz mais enrolada em pigarro e vergonha: — "Só dois mil reizinhos, Seu Juca... Seu Juca..."

— "Não tenho".

O homem virou as costas, começou a afastar-se, em direção ao morro. Fez uma pausa rápida, olhou para trás, balbuciou: — "Então... desculpe". — e continuou a caminhar. Seu Juca deu um tapa mais forte no lombo de Maravilha, outro nas ancas estreitas do bezerrinho. Bonito bezerrinho. A cria mais bonita do ano. Ia ser igual ao touro; até a estrela na testa era a mesma. Pena que o tivesse vendido no lote a ser entregue dentro de dois meses. E se o conservasse? Procuraria outro na vizinhança, para mandar ao comprador. Não importava. Era gado para corte, qualquer um servia. E ficaria com o filho de Maravilha, para substituir o touro na reprodução. Mas que nome daria ao bezerro? Essa dificuldade em achar o nome o aborrecia. Por que não estava a filha a seu lado? O bezerrinho mugiu outra vez. Um berro ainda debil, hesitante. Voz de tenor, pensou Seu Juca, sorrindo "Tenor"... E por que não "Tenor"? Achou o nome muito bom, original. "Tenor". Era isso. Olhou para o negro, para lhe comunicar a escolha. O negro olhava firme para ele com uma interrogação nos olhos, um ar de espanto e de dúvida; quem sabe se não havia tambem um pouco de reprovação nos olhos do negro? Negro atrevido... Mas explicou: — "Você se admirou de eu dizer que não tinha os dois mil réis, Manoel?" — O negro riu, encabulado, esfregando a mão no rosto. Concordou: — "Foi mesmo seu Juca". — "Não são

os dois mil réis que me fazem falta, Manoel... E' o homem. Ele que vá trabalhar. Já está passando o tempo da colheita. Tudo atrasado. Falta de braços. Se desse os dois mil réis, ia para casa, ficava com a mulher. Conheço essa gente muito bem. Não dei, e ele vai para o trabalho..." Então, contente de ter encontrado um nome para o bezerro, virou-se, e chamou o homem que já ia longe: — "Eh, rapaz! Rapaz, espera aí!" — O outro parou, virou-se em sua direção. — "Vá trabalhar, rapaz, e hoje à noite venha cá buscar seus dois mil réis". — A voz veio de longe: "Obrigado, Seu Juca. Deus lhe pague, Seu Juca".

Perdera a vontade de dizer ao negro o nome do bezerro. Aquele negro burro nem sabia o que queria dizer Tenor. Mas na carta que escreveria à filha, aquela noite, mandaria contar a sua escolha.

O homem subia a ladeira vermelha do morro. E dessa vez, ele é quem ia na frente ,a sombra acompanhando-o como um cachorro manso.

Ouviu os berros que atravessavam o ar. Sobressaltou-se, apressou os passos. Mas não. Não era a mulher. Seus gritos de queimada-viva eram diferentes; nem teria mais forças para gritar assim.. Eram os mugidos de Maravilha e do bezerro, no curral.

Ao longe, viu sua casa, do outro lado do morro, metida numa encosta; pouco maior do que os formigueiros de saúva que se multiplicavam a seus olhos. Tudo quieto, parado. Nenhum filho correndo pela redondeza. Olhou um pouco para a casa, mas não virou naquela direção. Tomou o lado do campo, lá onde o sol, batendo em cheio, tirou de repente fagulhas da lâmina erguida de uma foice.

O POEMA QUE EU NÃO ESCREVI

Eu poderia escrever, hoje, um poema tumultuoso:
cheio dos meus sentidos, dos meus entusiasmos,
rescendendo a raizes e musgos,
lembrando resinas e brotos,
águas de rio e brilhos de sol.

Mas quando eu voltava, hoje, para casa,
depois de um banho bugre
à beira das pedras e das areias possuidas pelo sol da manhã,
trazendo bagas do rio a brilhar nos anéis dos cabelos,
descalça como outrora vovó cunhã;
quando eu voltava,
pronta para escrever meu poema
ao dia, à tarde e à vida,
encontrei aquele rebento mirrado da raça dos párias.
Aquela pequena criatura humana,
sem beleza e sem amor, apagada e faminta.

No meu poema de hoje, correria decerto
a mais viva alegria de viver,
animal e psíquica.
Mas encontrei, no caminho, a fraqueza, a miseria e a dor.
Onde está, agora, o gôsto de cantar
meu canto, panteista, minha volúpia sã,
o gôsto que eu trazia nos lábios e nos dedos esta manhã?

MAURA DE SENA PEREIRA

ANIVERSARIO DA MORTE DE PAVLOV

Pelo Professor ***A. ANOJIN***

MOSCOU (Sovinform) — pelo rádio — A 27 de fevereiro de 1936 deixou de existir o grande fisiólogo russo Ivan Pavlov. Em honra de sua memória celebram-se sessões científicas nas quais tomam parte a Academia de Ciências da URSS, a Academia de Medicina e diversas sociedades de fisiologia. A finalidade principal dessas sessões é passar uma revista em todo o trabalho realizado pela escola de Pavlov e por discípulos e continuadores do grande mestre durante os últimos anos. O Comité organizador está integrado pelos alunos e colaboradores que estiveram mais ligados a Pavlov, como Orbeli, Cazvilov, Anojin, Frolov e outros. Em diversos informes expoem-se resultados obtidos no desenvolvimento científico de tôdas aquelas suposições, teses ou hipóteses, que inclusive para o próprio Pavlov não passavam de "enunciados teóricos", nos últimos anos de sua vida. Muitas das investigações de Pavlov e de sua escola já ultrapassaram há muito tempo os limites estreitos da experiência teórica de laboratório para converterem-se em realidades clínicas de grande importância prática; sobretudo no que se refere ao aparelho digestivo. E assim, médicos e cirurgiões utilizam em seu trabalho diário os dados da escola de Pavlov para o tratamento tanto médico como cirúrgico de seus doentes. Há sessões que mostram os resultados demonstrativos da influência dos ensinamentos de Pavlov para a "concepção clínica" em geral. São de particular interêsse os informes que se referem à aplicação das teorias de Pavlov na prática da medicina de guerra.

Nos últimos anos de sua atividade científica, Pavlov desenvolveu duas admiráveis teorias, a das "neuroses experimentais" e a da "inibição para defesa", ambas destinadas a serem de grande utilidade prática. Essas teorias consistem fundamentalmente no seguinte: Tôda atividade do sistema nervoso central dos animais e do homem resume-se em relações harmônicas de dois processos opostos nas células nervosas: excitação e inibição. Graças ao primeiro, facilitam-se processos ativos, ou seja, trabalho do organismo. O segundo processo, prcesso de inibição, diminui e inclusive anula a ação do primeiro. Quando se rompe o equilíbrio entre os dois processos, pelo incremento da atividade de um deles, provoca-se uma neurose". E esse fato, experimentado por Pavlov, em seu laboratório, foi inteiramente comprovado pela prática clínica. Em seu trabalho de investigação Pavlov havia comprovado que quando o sistema nervoso central de um animal recebia excitações demasiado fortes, este deixava de funcionar; ou seja, que existia um limite de receptibilidade após o qual o sistema nervoso paralizava sua função por um período de tempo mais ou menos longo. Baseado nesses fenômenos concebeu Pavlov sua teoria de "inibição para defesa". Durante a guerra passada comprovou-se a veracidade de tal teoria, ao se observarem casos infinitos de "choque", devidos ao excesso de excitações físicas e psíquicas sofridas pelos combatentes: tensão nervosa contínua, mudanças atmosféricas bruscas, ruidos de explosões, etc. Esse estado de "choque" defende o sistema nervoso de uma agressão excitante inevitável. Esse fenômeno histórico produz-se em todos os organismos vivos; observa-se porém de modo particular no sistema nervoso central. Eu pessoalmente consegui demonstrar já desde o começo da guerra que as chamadas "paralisias reflexas" e "paralisias históricas", assim como outras formas de inibição motora dependem da inibição de células motoras do cérebro, que ficam num estado parecido ao da "morte aparente", conhecido em biologia. Posteriormente foi também demonstrado que os transtornos como a perda da fala, da audição, etc., que aparecem sobretudo em aviadores, desenvolvem-se segundo as mesmas leis fisiológicas da "inibo-defesa".

Apresentam-se também nas sessões alguns trabalhos demonstrativos de que tôdas as espécies de "choque" se desenvolvem segundo o princípio de "inibição de defesa" e de que em todos esses casos o tratamento escolhido é o do suador prolongado, natural ou provocado com narcóticos.

Uma vez terminadas as sessões científicas, dirigiram-se os congressistas à cidade de Riazan, lugar onde nasceu e passou sua juventude o ilustre homem de ciência. Por determinação do govêrno soviético preparam-se na cidade natal de Pavlov vários atos de homenagem, entre eles inaugurações de um monumento e abertura de um museu na casa onde nasceu o grande fisiólogo.

ARTE CONTEMPORANEA

ALCIDES ROCHA MIRANDA

A primeira preocupação dos estudiosos da Arte Contemporanea tem sido a de colocar cada artista dentro de uma determinada escola. Esse método já consagrado pela maioria, não me parece, todavia, nem muito fácil nem muito justo, e tem ainda o grave inconveniente de predispor a formação de novas correntes acadêmicas.

O artista novo isto é, aquele que ainda não tem a observação bastante aguçada para distinguir uma composição equilibrada, ou uma boa combinação de côres é geralmente levado, por essa metodologia sectária, a se restringir a todas as limitações de uma escola, seja ela cubista, expressionista, dinamista ou surrealista.

Em épocas que nos antecederam observamos justamente o contrário. Quando os povos viviam isolados, desenvolviam-se escolas como resultantes de conhecimentos técnicos comuns. No fim de alguns anos de artezanato, qualquer pintor, de posse dos conhecimentos acumulados por seus antepassados, se punha a realizar sua obra, contribuindo por sua vez, com maior ou menor número de observações próprias. Esse artista podemos dizer "pertencia a tal ou qual escola" pois encontramos em suas obras um número suficientemente grande de elementos, que eram próprios aos artistas de sua terra e de seu tempo.

Entre os artistas contemporâneos, porem, não se dá o mesmo. A grande felicidade de divulgação torna as obras de arte conhecidas de quasi todo o mundo. Os artistas atuais encontram diante de si, inúmeros caminhos desbravados onde podem descobrir elementos para a formação de suas técnicas.

As chamadas escolas modernas parece-me, deveriam ser apreciadas mais pelas suas redescobertas plásticas do que pelas suas teorias as quais aos poucos vão se transformando em dógmas.

E' sem dúvida em Picasso que vamos encontrar o verdadeiro artista do nosso século, sua arte é a resultante das diversas tendências antigas e modernas. O pintor que jamais se quís fixar em qualquer escola é um dos mais fortes precursores do cubismo e um dos seus mais autênticos representantes. O crítico francês Charles Terrasse referindo-se a Picasso diz o seguinte: E' muito dificil situar Picasso. Alguns de seus retratos são desenhados com uma segurança que lembra a precisão de Ingres. Suas pinturas cerebrais, porem, só se compreendem plenamente após iniciação. Ele experimentou todas as técnicas, abandonando-as depois de esgotados os seus recursos e encantos. Mas antes de tudo, o que parece que ele procura é qualquer coisa de novo. E' um pesquizador, um especulativo insaciavel e apaixonado. Depois de ter passado pela Escola de Belas Artes de Barcelona, chega a Paris em 1900. Não tem, ainda 20 anos. Pode-se, apenas, notar as etapas desse talento multiforme: em 1901 é impressionista, d e p o i s se deixa seduzir por Van Gogh. De 1902 a 1905 mais ou menos, "época azul", de 1905 a 1906 "época rosa" uma melancólica, frequentemente, dramática, outra menos amarga, quase doce. Em 1907 aparece o primeiro ensaio de deformação voluntaria nas "Demoiselles d'Avignon". A influência da escultura polinesia que Matisse revelou a Picasso, é aí evidente. 1908: é o trabalho em comum com Braque, que vai continuar até 1941. E' o cubismo, com suas procuras cada vez mais requintadas. No entanto ele dedica um c u l t o a Ingres esforçando-se para obter a sua pureza linear.

Cerca de 1920 Picasso se volta para a antiguidade, mas deforma sistematicamente suas figuras como se elas devessem exprimir entidades sobrenaturais. Figuras trágicas, estranhas. Esse gôsto para o trágico, Picasso o afirma em várias cenas onde se vê reaparecer violenta tendencia Espanhola, cenas de corridas, lances de morte. Aí Picasso tem outro mestre: Goya. No entanto ele se apega a novas fontes, réaliza admiraveis naturezas mortas que têm a beleza vibrante e a luminosidade dos vitrais. Depois vêm as series das abstrações e as Esculturas.

Picasso continua... Durante a guerra da Espanha coloca a sua pintura a serviço do seu povo, o povo espanhol, realiza uma de suas composições mais famosas — "a célebre Guernica" — síntese das pesquizas realizadas num plano plástico, é a emocionante redescoberta do humano.

OS POMBOS DO PEQUENO PAULO

FEDOR GLADKOV
(Autor de "Cimento")

Nossa unidade tinha ordens do comando para a ocupação de uma localidade. Era um pequeno povoado, situado à margem de um riacho, num ponto estrategicamente muito importante para nós. E o ocupamos de assalto.

No auge da batalha, um combatente veio ao meu encontro e informou que vozes humanas hurrava numa casa que pegava fogo: a voz de uma criança se destacava entre todas.

Dei ordem para que os infelizes fôssem libertados e extinto o incêndio.

Vários combatentes arrancaram as pranchas pregadas nas portas e nas janelas e as pessoas começaram a sair da casa em chamas.

Uns, como loucos, se puzeram a correr na grande rua e nas vielas; outros cairam ao lado da casa e permaneceram a gemer e a se contorcer no chão. Outros, ainda, se precipitaram para os nossos soldados beijando-lhes as mãos.

— Nossos salvadores... enviados pelo bom Deus para nos socorrer... Cada dia nos trazia a morte... O inimigo maldito torturou, fuzilou, enforcou tanta gente... Matem êsses animais infectos, matem todos, até o último!...

Numa rua, não longe de casa, se batia uma criança. Agitava as pernas e gritava com uma voz colérica e exigente. Coisa espantosa: como escapou sem ser pisada, no meio de tamanha afobação e de tão grande pânico?

O soldado vermelho que a segurou deu uma gargalhada:

— Estás vivo, cidadão "patapouf"! Não queres morrer. Tens razão. Vive, pois, meu rapaz, para o terror dos nossos inimigos!

Ao lado dos combatentes se agitava um garoto de onze ou doze anos, de cabelos louros, alegre, emagrecido e que gritava com entusiasmo:

— Meus pombos, ei-los, vôam em bando...

E o pequeno Paulo apontava com o dedo:

— Estão todos lá, não falta nenhum. São espertos, meus pombos, sabem que estou vivo...

Assoviou olhando avidamente para o céu onde com um grande ruido de asas, voavam os pombos brancos. A plumagem brilhava ao sol: os pombos se embriagavam de liberdade.

— Então, você também se preparava para morrer queimado? Interrogaram os combatentes.

— Sim. Éramos cinco meninos. Felizmente me deram permissão para soltar meus pombos.

E os combatentes, rindo:

— Que está você contando? Teve mêdo, com certeza...

O garoto ficou irritado:

— Nunca. Detesto êsses alemães malditos, êsses sórdidos animais... Êles é que têm mêdo de nós. Por isso nos atacam e nos arrastam à fôrça... Então, porque sou pequeno, pensam que não compreendo tudo? Compreendo e muito bem... Êles gritavam: "Nos detestam, são todos guerrilheiros, mataremos todos, prenderemos todos, tantos quantos forem! "Levaram minha mãe e minha irmã Natachka, não sei para onde... Eu fiquei com os meus avós.

O garoto divirtia os combatentes que riam alegremente.

Os kolkozes tinham acolhido os soldados vermelhos como parentes próximos; atiravam-se nos seus braços e os abraçavam em lágrimas. Alguns entre êles estavam morrendo de fome; outros, semelhantes a espantalhos faziam pena ver: estavam enegrecidos, magros em pele e osso e tinham os olhos de loucos. Em todas as ruas da aldeia, diante das grandes portas, nos ramos de árvores, sôbre os postos telegráficos, encontramos enforcados. Diante da Igreja, exatamente em frente à porta, estava enforcada uma mulher. Havia qualquer ligação entre o incêndio da casa condenada e esta jovem mulher, forte, que mesmo torturada, guardava o seu ar de dignidade. Chamavam-na Marfa Semionovna.

Depois que enterraram todos os enforcados, os habitantes se reuniram ao cair do dia, diante da porta da Escola. A tarde estava serena. Nos jardins, nos pés de morangos, nos amieiros que acompanham a margem do rio, os rouxinóis cantavam desenfreadamente. Ouvia-se gritar ao longe na floresta, um cuco solitário. Tudo cheirava a verdes bétulas, pinheiros e fumaça. Tardes assim não se encontram em nossas regiões senão no princípio do verão. As noites são límpidas com crepúsculos que duram até a aurora e um silêncio maravilhoso

Ouvíamos as narrativas dos kolkozianos com emoção e dor. E o ódio contra o inimigo, contra os bandidos alemães que querem nos privar dessas noites, de nossa bela vida laboriosa, nos queimava o coração como uma chama. Nessa noite sentimos com vigor como nos são caros o nosso povo, a natureza russa e a vida russa.

Nessa região rica em florestas, os patriótas se mostravam intrépidos e insubstituíveis.

Marfa Sémionovna, a mulher de um soldado vermelho, filha dessa aldeia, ajudava poderosamente aos guerrilheiros. Primeiro se tinha mantido afastada para não se fazer notar, e depois tinha desaparecido. Mas os kolkozianos sabiam que vinha à aldeia todas as semanas, e que visitava também outros povoados. Nenhuma expedição de patriotas ficava sem sua ajuda.

Marfa Sémionovna era um clarão fora da linha de combate. Um dia o "staroste" desapareceu sem deixar traço. Os alemães estavam furiosos. Surraram muitos kolkosianos e enforcaram outros. E uma tarde trouxeram Marfa Sémionovna. Os soldados alemães prenderam todos os kolkozianos na rua e os colocaram em filas entre as quais fizeram passar Marfa Sémionovna. Depois, um oficial encerrou sessenta e duas pessoas no mínimo, em uma casa e procedeu ao julgamento. Marfa foi levada com escolta, arrastada a golpes e torturada. Mantinha-se de pé, silenciosa, o ar altivo e olhando aos assistentes como se os tivesse visto pela primeira vez. Cada um compreendeu: não se devia identificar. Seria causar a perda de Marfa e a sua própria perda.

Um oficial gritou em russo:

— Aí está sua Marfa. Reconhecem-na? Fala você, velho.

Tocou com o dedo uma velha cabeça cor de rosa e a barbicha branca.

— Não a conheço, meu senhor. Ela não é daquí, não é de nossa cidade, jamais a encontrei.

— Mentes, velho imbecil. E' o teu momento de morrer...

— E' verdade o que estou dizendo, senhor... A morte é breve, quando a verdade permanece inteira...

— Cala-te animal! Fale a velha! Se não a reconheces voluntariamente, serás chicoteada até morrer.

A pequena velha — a que tinha recebido a criança das mãos do soldado vermelho — respondeu com uma voz doce, com a voz das avós:

— Não sei, não sei nada... Vejo-a pela primeira vez... Senhor, será que se pode reconhecer alguem à fôrça? Ela não é de nosso povoado, essa moça... De onde és, jovem mãe?

— Fora daquí, feiticeira! berrou o oficial, ferindo a velha com seu chicote.

A pobre velha deu um grito e mergulhou na multidão de assistentes. O oficial interrogou da mesma maneira uma dezena de pessoas, sem resultado.

Então, se voltou para as crianças. Pensava que se mostrariam loquazes. Chamou um atrás do outro perguntando e chicoteando:

— Responde, é Marfa?

O garoto interrogado calava-se, como bem se pode imaginar, balançava a cabeça ou respondia:

— Ela não é dêste lugar... Não a conheço, não sei de onde ela é...

Enfim, chegou a vez do pequeno Paulo:

— Vais falar? Se te enforco ou se te queimo, terás mêdo?

— Naturalmente que terei mêdo!

— Pois bem, diga a verdade, sinão te queimo ou te enforco com os outros.

— Mas o que é preciso dizer?

— Ela é daquí? E' mesmo Marfa Kaléganova?

— Esta? Nossa Marfa deixou a aldeia há muito tempo. Era pequena e menineira. Enquanto que esta, vejam bem, diria-se um obstáculo anti-tanque!

O oficial tinha visivelmente vontade de rir: suas narinas chegaram a tremer. Mas, logo pulou do seu lugar vociferando:

— Então não quer reconhecer sua Marfa Kaleganova? Bem! Darei um minuto. Se não me disser que é ela, todos serão executados até o último.

Tirou seu relógio e olhou-o ferindo a mesa com o seu chicote. Ninguem se mexia nem sussurrava palavra. Marfa permanecia calma, imovel como uma pedra.

— Hum! receberão os castigos que merecem: serão todos queimados aquí mesmo nesta casa.

Gritou alguma coisa em alemão aos soldados. Dois dêles pegaram Marfa pelos braços e a arrastaram para fora.

Na porta se mantinham as sentinelas.

O pequeno Paulo se aproximou sem mêdo, do oficial e perguntou:

— Será que posso voltar a minha casa por um minuto? Posso, diga?

— O que vais fazer em tua casa?

— Vou soltar meus pombos. Voltarei em seguida... Palavra de honra!... Quero soltar meus pombos.

— Que pombos?

— Os meus, naturalmente! Estão encerrados no pombal.

Por mais estranho que isso pareça, o intrépido garoto tinha visivelmente agradado ao oficial. Alguma coisa de humana tinha despertado nêle por um instante.

— Pois bem, vá para o diabo!... Arre!

Feriu-o com o seu chicote. O pequeno Paulo saiu de um salto.

Os kolkozianos se calavam imóveis. Não acreditavam ainda que estavam condenados: não podiam admitir o pensamento de que iriam ser queimados nessa casa. Entretanto algumas mulheres se puzeram a chorar. Uma delas sucumbiu com um grito.

Do exterior, os soldados pregavam as pranchas sôbre as janelas e o barulho de seus martelos era lúgubre como se tivessem pregando um enorme ataúde. O oficial, de pé, perto da mesa, repetia:

— Bem, ninguem mudou de opinião? Estão obstinados? Ouvem? Depois condenaremos a porta e ficarão presos como porcos!

E continuou atormentando a todos até que as janelas estivessem totalmente pregadas. O pequeno Paulo fez irrupção na casa, repentinamente, descalço, a blusa ao vento, sempre alegre, fresco, sem uma sombra de mêdo nos olhos. O oficial estava estupefacto. Um momento perplexo, acolheu o garoto com um olhar admirado e furioso:

— Por que voltaste, se te mandei embora?

O pequeno Paulo olhava o oficial alemão na face: em seus olhos de criança brilhava o ódio do carrasco e um desprezo de aversão. Entretanto, sua pequena voz bem timbrada ressoou com uma ironia maliciosa:

— Porque? Mas meu avô e minha avó estão aquí! Não posso de maneira alguma abandoná-los! Jamais pensei em me escapar. Digo a verdade, sempre. Permanecerei com êles. Se havemos de morrer, morreremos todos juntos. Não tenho mêdo de nada. Nem mesmo de ti!

E se atirou para o velho calvo de barbicha branca e para a pequena velha tão doce.

O oficial saiu rapidamente da casa batendo com a porta. E em seguida se ouviu os golpes de martelo: os soldados vedavam a entrada. Foi somente então que os prisioneiros compreenderam que uma morte terrível os esperava. Precipitaram-se para a porta, para as janelas, quebrando os vidros. Golpes de fogo vindos de fora explodiram. Um dos desgraçados caiu sôbre o solo com um grande grito. E foi o delírio.

O pequeno Paulo deu um pulo na mesa, gritando mais forte do que todos:

— Morremos pela Pátria, morremos por Stalin! Morte ao invasor alemão!

Tudo fazia supor que o garoto tinha lido nossos apelos nos jornais que Marfa trazia à aldeia. A casa queimava já, no meio de ruídos e de crepitações. A sala se enchia de fumaça. Mas o pequeno Paulo gritava sempre:

— Morremos pela Pátria! Morte aos canibais alemães!

Eram êsses gritos do pequeno Paulo que os nossos combatentes tinham escutado.

E eis, toda a história, não é mais do que um capítulo da alma russa. A história que a cada dia e a cada hora a enche de grandes acontecimentos. E, nêste episódio, por pouco importante que pareça, se encontram toda a grandeza e a força da alma do povo russo. O despreso, o ódio implacavel pelo inimigo, como por um animal selvagem enfurecido, o desdem pela morte, podem esmagar, matar e reduzir a cinzas os militares hitleristas mais inveterados. Eu admirava o pequeno Paulo e sua avó. Amava-os com todas as fôrças de minha alma e estava orgulhoso por pertencer, eu também, à mesma família russa.

Escutando essa narrativa, nossos combatentes tinham o rosto pálido, os olhos duros, duros, cheios de cólera e de ódio. Sentia-se que estavam prontos para se atirarem de novo na batalha, para matar o inimigo, sem piedade, furiosamente...

Que sejam benditos, êsse povo e essas crianças!...

DANSA PARA TODAS AS CLASSES

C. B.

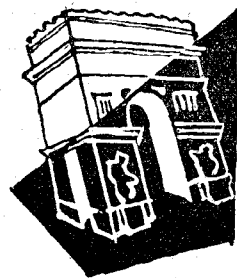
O "Ballet da Juventude", organização criada sob o patrocinio da Federação Atlética de Estudantes, no momento prepara uma série de espetáculos que serão levados a efeito em escolas secundárias e primárias, nas Escolas de Guerra do país — Areonáutica, Naval e Militar — além de outros em fabricas, quarteis e hospitais, sob o patrocinio da União Nacional dos Estudantes.

Obra das mais louváveis esta, que as entidades estudantís iniciaram através de suas realizações. Ainda recente, os jovens artistas integrantes do conjunto realizaram uma viagem através de cidades de Minas Gerais, não só divulgando sua arte, como tambem, colhendo novas impressões que somente poderão ser de grande utilidade para o espírito artístico de toda esta pleidade de jovens artistas. Compunha a caravana Tamara Capeller, Berta Rosanova, Vilma Lemos Cunha, Jacqueline Reymond e Marie Haene e ainda Carlos Leite, que alem de dansar, tem a seu cargo a direção de cêna do grupo.

Visitaram não só Belo Horizonte, como Uberaba, Sabará, São João d'El Rey e Ouro Preto, a antiga Vila-Rica, que os impressionou fortemente. Nesta cidade não resistiram a tentação de dansa e no antigo Teatro Imperial e, tambem, voltando-se a um passado mais remoto, tiveram a idéia de montar um "ballet" sobre o tema da vida da mais romantica figura da literatura brasileira, Marilia de Dirceu.

Novamente, incentivados pelos sucessos obtidos neesse Estado, onde foram apresentados através da União Estadual de Estudantes de Minas Gerais, o grupo do "Ballet da Juventude" organiza uma segunda "tournée", agora em São Paulo, sob o patrocinio de todos os Centros Acadêmicos, através do Conselho de Representantes dos Presidientes.

Obra realmente louvavel é esta que as entidades estudantís realizam para com esta arte tão bela e nobre.

GABRIELA MISTRAL

(Copyright do Serviço Francês de Informação— Especial para ESFERA)

A visita de Gabriela Mistral foi para Paris um dos grandes acontecimentos do ano.

A poetisa que mereceu o "Premio Nobel" foi acolhida com um carinho familiar.

O francês guarda sempre, nos seus melhores sentimentos, algo de nacionalismo. Pelo simples fato de a poetisa chilena ter escolhido, para o tornar ilustre, o nome de um dos mais célebres escritores franceses, parece-lhe que algo de sua glória pertence a ele, tambem. Daí, a gratidão que lhe demonstrou e o orgulho que sentiu ao recebê-la.

Modesta, ela sorrí e fala ao microfone que ordinariamente teme, por julgá-lo indiscreto:

"Nos vinte paises da América Latina, de língua espanhola, há de 7 a 10 confrades meus, escritores, que mereciam o Premio Nobel. Cederam-no a mim, embora eu não me houvesse candidatado, porque, andarilha impenitente, eu era mais conhecida no conjunto destes paises que qualquer outro deles".

E' verdade que Gabriella Mistral jamais deixou de percorrer o mundo.

Que orgulho para a França, havê-la retido, tanto tempo, no passado, longe da Pátria.

"O seu Avignon me prendeu 11 anos. Uma inglesa, nascida no Chile, pôs à minha disposição, a casa que possuia à sombra do Castelo dos Papas. Era meu ponto de partida, donde saí, ora para o Norte, ora para a Itália, quando o inverno me expulsava para céus mais clementes.

E acrescenta:

— Ler um livro francês sob o sol italiano, não é o cúmulo da felicidade?

Evoca seus longos passeios, a pé, nos campos provençais.

— De Avignon a Orange quase não há pedras do caminho que eu não conheça.

Calcula-se que algo de mágico a atraiu para as terras de Mireille, que ela para aí veio procurar a sombra daquele de quem escolhera o nome. A poetisa ri, agora francamente:

— Não foram as sombras em que descansou o grande poeta que procurei e sim a aragem do Midi. Como ensinasse numa escola, tive que escolher um pseudônimo Meu amor às forças da natureza, e especialmente ao vento, foi o que decidiu de minha escolha.

— Mas o Mistral?

— Oh! Creio que ele era um homem da terra e, por isso, é que me considero sua parenta. Como a sua, minha musa tem necessidade de contato permanente com a vida dos campos e dos camponeses... Só na França eu poderia encontrar esta fecunda comunhão.

— Não vai aproveitar a estada aquí, para rever sua casa em Avignon?

— Oh! E' impossivel... Não somente o tempo não mo permite, como temo encontrar lá muitos fantasmas queridos: um rapaz, em particular, que eu chamava de "pequeno provençal" e que acaba de morrer, aos 17 anos.

ONSIDERA A FRANÇA UA PATRIA DE ELEIÇÃO

JEAN BALENSI

Nosso "tête à tête" na multidão que nos cercava não poderia continuar sem escândalo.

Há mais de uma semana que Gabriella Mistral se achava em Paris. Mas era a primeira vez que aparecia em público, para dar, no Palácio da Legação do Chile, uma entrevista à imprensa.

Cinquenta confrades meus já a haviam assaltado com perguntas e Mistral temia, especialmente, que a pronuncia de seu francês — entre parênteses, perfeito — a traisse ao microfone.

E não esquecia seu duplo papel: personalidade consular e mulher de letras.

Falava da perenidade da influência cultural francesa nos paises que conhece.

— Puerís ataques contra a França, pretendem que uma guerra perdida atinja tambem os elementos intelectuais da nação vencida. Julgo-me sempre obrigada a destruir tão pérfidas alegações. Grécia e Roma não continuam a dominar setores imensos de nossa civilização? Pois bem, pode-se dizer outrotanto de Montaigne e Pascal. Esses gênios literários, são de algum modo, grandes marechais que ganharam o combate contra os séculos...

E' necessário lembrar ainda que, em plena guerra, Gabriella Mistral, ante uma campanha que se desenhava na América Latina contra o livro francês, escreveu que nem Racine, nem os outros escritores franceses, eram responsáveis pelas batalhas perdidas e representavam, pelo contrário, "a vitória permanente e o metal inalterável daquilo que as cartas geográficas, chamam França".

Agora que fale Gabriella Mistral sobre a nova França da Libertação.

— Como que que lhe responda? — protesta ela. Desde que estou aqui, fizeram-me tal acolhida que, de visita em visita, não vejo da rua senão o que se pode perceber da janela de um automovel que corre a 50 quilômetros por hora...

Quarenta e oito horas mais tarde, nos salões de "Lettres Françaises" onde a reencontrei, fiz-lhe a mesma pergunta, e ela me evocou novamente suas recordações de Provence:

— Foi lá que aprendi a escrever em prosa. Comecei por um artigo sôbre os perfumes de Grasso, depois outro sôbre as sêdas de Lion. Como querem que eu sinta na França outras impressões diferentes? Acho-me tão bem entre os franceses como se os tivesse deixado ontem. Porque não creio que a França, a verdadeira França tenha mudado, possa mudar em algo...

Em torno dela, novamente se juntam vinte, trinta, cinquenta homens de letras, de jornalistas.

Ela anda no meio deles como no mais íntimo círculo de amigos. O nome que a grande poetisa escolheu, embora seja grande para nós, o próprio Mistral se teria honrado por lho ter legado.

Nos versos dos dois — Frederico Mistral e Gabriella Mistral — passa o mesmo ardor duma impressivel mística humana.

E o inegável amor que ela tem à França, pagam-lhe os franceses em carinho, admiiração e gratidão...

Carlos Scliar

Scliar é um jovem que desde cêdo começou as suas atividades artisticas, em pesquizas efetivas e inteiramente voltado para o sofrimento do povo. Suas meninas pobres, suas ruinas, seus personagens torturados. sempre foram figuras profundamente humanas e deixavam bem vivas as ligações do pintor com a massa explorada. Um artista que todos nós sempre tivemos em grande conta e de quem sempre esperavamos as mensagens que tambem não deixavam de chegar. Mas veio a guerra e o Cabo Scliar foi para o "front" lutar pelos seus ideais na luta dos povos. Honrou o Brasil! E voltou, mais amado por todos, revelando desta vez, em seus desenhos um lirismo puríssimo, uma emotividade mais serena, como quem realizou alguma coisa em sua vida de homem livre.—S.

Schar.
1-Jan.

O TRABALHO DE DOIS GRANDES CIENTISTAS

Pelo Professor J. B. S. HALDANE

Dois grandes cientistas, F. W. Aston e T. H. Morgan, morreram em novembro de 1945. Cada um deles havia escrito um novo capítulo no livro da ciência e, o que é melhor, um capítulo muito fácil de se entender e que levou a grandes resultados práticos.

Aston formou-se em química em Birminghan e tornou-se químico de fermentos. Ele tinha paixão por medidas acuradas, e uma combinação de habilidade manual e inteligência prática que o habilitaram a satisfazê-la.

*

Desde os tempos de Dalton os químicos e físicos pensavam que todos os átomos de um elemento eram iguais. E haviam tentado por todos os meios separar os elementos em uma fração mais densa e mais leve.

Aston foi o primeiro a obter êxito, com um gaz, o neon.

A diferença em densidade era muito pequena, e poucos poderiam havê-la medido. Mas Aston seguiu a trilha, usando um método muito mais poderoso, imaginado por J J. Thomson.

Este método consiste em lançar uma corrente de átomos de gaz carregados positivamente por um buraco no catodo de uma lâmpada de vácuo. A corrente passa por um campo combinado, elétrio-magnético, e finalmente choca-se com uma chapa fotográfica.

Se todos os átomos, movendo-se com uma velocidade particular tivessem a mesma carga elétrica e o mesmo pêso, todos eles- chegariam ao mesmo ponto.

Se eles tivessem a mesma carga e uma série contínua de pesos, como os de um milhão de homens diferentes, chegariam a pontos situados em uma linha, os mais leves sendo lançados mais longe da linha original pelo magneto e pelo campo elétrico.

Realmente, nenhuma dessas coisas acontece. Tem-se uma série de pontos sem nenhuma linha a ligá-los. E tornou-se claro que cada elemento é uma mistura do que agora se chama isotopos, com as mesmas propriedades químicas, mas com pesos diferentes.

Por exemplo, o hidrogênio consiste principalmente de átomos de um pêso, com cêrca de um em 5.000 do dôbro dêsse pêso; o cloro consiste principalmente de átomos com o pêso de 35 vezes o do hidrogênio comum, e com um número regular de átomos com 37 vezes aquele pêso.

*

Em poucos anos Aston havia descoberto que todos esses pesos eram muito próximos de números inteiros. Por exemplo, o uranio compõe-se principalmente de átomos de pêso 238, e de alguns com pesos 235 e 234. Se Aston não houvesse ido além, ainda assim teria revolucionado a química.

Mas êle foi muito além. Constantemente melhorava seus aparelhos e finalmente descobriu que a lei dos números inteiros não era exatamente verdadeira.

A razão é que a energia tem massa e pêso. Um relógio é mais pesado quando se dá corda do que quando está sem corda, muito embora ainda não se tenha medido a diferença.

Mas quando quatro núcleos atômicos de hidrogênio são unidos para formar um núcleo de helium, a quantidade de energia dispendida é suficiente para produzir uma perda de massa que pode ser medida Dêsse modo é possível calcular a energia gasta ou usada em qualquer transformação atômica.

Os dois principais métodos de separar isotopos, usados na fabricação das bombas atômicas são desenvolvimentos dos aparelhos de Aston. As quantidades de energia disponível também foram tornadas possíveis de se medir, segundo seus dados.

Ele era um ótimo técnico. Durante alguns anos, ninguem poude obter os mesmos resultados que ele porque ninguém tinha sua capacidade manual nem sua habilidade para fazer funcionar os aparelhos necessários.

Ele nunca desenvolveu nenhuma teoria que envolvesse quaisquer complicações matemáticas ou qualquer opinião

"superior" sôbre a estrutura da matéria. Mas êle foi um dos maiores cientistas de todos os tempos.

T. H. Morgan começou como estudante de embriologia e de regeneração, isto é, a capacidade que possuem muitos animais de formar membros ou outros órgãos para substituir os perdidos.

Na meia-idade começou a trabalhar em hereditariedade, com a pequena mosca Drosophila melanogaster.

Esse inseto é quase ideal para tal trabalho, pois se pode criar várias centenas em um frasco de meio litro, e há uma nova geração em sete a dez dias.

Assim trabalhava só. Morgan dirigia um brilhante grupo, cujos mais importantes membros eram Bridges, Muller, Sturtevant e a Sra. Morgan.

Em poucos anos eles provaram de maneira cabal que os caracteres genéticos, que têm uma parte importante na hereditariedade semelhante à dos átomos na química são matérias objetivas localizadas em pontos definidos dos cromosomas, no núcleo de cada célula.

Os diversos membros do grupo deram suas próprias contribuições, mas não será nunca conhecido exatamente quem foi responsável por tal ou qual idéia. E assim deve ser. Quando homens ou mulheres trabalham juntos frutiferamente, todos contribuem com alguma coisa, mesmo se um deles põe primeiro em símbolos ou palavras uma idéia.

Tanto quanto sei, Morgan nunca declarou nenhuma das suas grandes descobertas, embora muitas vezes aparecesse como co-autor.

A atmosfera em seu laboratório era tão diferente quanto possível da dos outros laboratórios químicos, onde cada ajudante tem uma determinada tarefa, e sabe pouco ou nada do trabalho de seus colegas ou do plano geral das investigações do professor.

Morgan se ocuparia em tirar um de seus assistentes de um aperto em uma análise ou pesquisa qualquer.

A proporção que a ciência for mais e mais sendo planificada estas qualidades tornar-se-ão cada vez mais importantes.

*

Embora estivesse capacitado da importância da hereditariedade em determinar as diferenças entre os sêres humanos, êle se opunha aos extremos propagandistas da eugenia.

"Estou inclinado a pensar", disse êle, "que o estudioso da hereditariedade fará bem em recomendar que se lancem mais luzes sôbre as causas sociais das deficiências, em vez de mais eliminação, no deplorável estado atual de nossa ignorância sôbre as causas das diferenças mentais".

"E não deviamos de modo algum sentir certeza em julgar a superioridade ou inferioridade genética, aplicadas a raças inteiras".

Ele era, realmente, um grande homem, tanto como um sábio e um homem de grande penetração intelectual.

Aqueles que o conheceram lembrar-se-ão dele, não só como um grande cientista, mas como um grande homem.

Narrativas de Guerra

INVESTIDA

ALEXIS TOLSTOI
(Autor de "Pedro, o Grande")

"Os eslavos nunca chegarão a compreender nada da guerra aérea que é uma arma de homens valentes — a forma alemã de combate" — disse Hitler.

Acontece, porém, que palavras são palavras e fatos são fatos.

O bombardeio em **piquet** e a descida de paraquedistas foram copiados pela aviação fascista da aviação soviética. Em ano e meio de guerra na Europa e em sete semanas de combates aéreos na frente oriental, a aviação fascista não realizou nenhuma inovação. Apesar das petulantes palavras de Hitler, sua aviação tem um comportamento em nada valoroso. Os bombardeiros e os caças alemães, salvo raras exceções, têm medo de combater contra nossos aviões. Geralmente se apressam a se esconder por traz das núvens, ou, uma vez atacados, descem simulando qualquer avaria e fogem rés-da-terra. Mesmo quando têm superioridade de fôrça, não tentam medir seu valor e sua perícia.

Por que isso acontece? Acontece porque os alemães reconhecem a superioridade das qualidades combativas dos pilotos soviéticos. Nisso, nada há de particular: um corvo não faz parelha com um falcão.

Os aviadores soviéticos, em sua imensa maioria, são operários e kolkosianos jovens, que têm magnífica saúde, nervos de aço e valor inato. O ceu amplo é para eles um esplêndido campo de combate; o avião é um cavalo com azas e o fascista que surge entre as núvens, o inimigo esperado contra o qual tem que lutar até a morte.

O aviador soviético nunca recusa o combate e quanto mais perto está do perigo, mais se acende o seu coração, mais calculados são seus movimentos, mais impetuosos os seus reflexos. Encontra-se sozinho no ar: sôbre êle vôa uma esquadrilha de bombardeiros fascistas. A prêsa não é má. Em último caso trocará sua vida pela de cinco pilotos fascistas. Seu aparelho de caça vibra como uma corda, se eleva alto no céu e cai como um gerifalte sôbre o rebanho, para, uma vez rompida a formação dos bombardeiros, atacar primeiramente a um dêles, em seguida a outro, esquivando, voando em giros, atormentando o inimigo com as rajadas de suas metralhadoras pesadas: é o encanto do combate, que furioso é ao mesmo tempo sabiamente calculado nos russos.

O avião de bombardeio é uma máquina blindada muito segura: pode apagar qualquer incêndio que surja nela própria e continuar seu vôo, voando inclusive, com um motor avariado. Para que o inimigo não consiga de maneira alguma fugir ao combate, os aviadores soviéticos criaram uma maneira especial de ataque. Os fascistas não se atrevem a empregar tal sistema. Esta é também uma das causas que os fazem evitar o encontro no ar com os nossos caças.

Refiro-me à investida contra o inimigo em tais condições que se pode conservar, não somente, a vida do piloto, como também, em alguns casos, o próprio aparelho.

Há dias visitei uma unidade de aviação. No aeródromo, falei com o piloto de caça Victor Kiseliev. Dois dias antes, êste aviador tinha investido e incendiado um bombardeiro alemão. Havia saído do combate com um simples arranhão no rosto, si bem, que na verdade, o seu aparelho se perdeu.

Caminhamos pelo extenso campo; em alguns lugares se podem ver aviões de caça bem camuflados. Os aparelhos de guarda estão dispostos: nas cabines aguardam os pilotos; os cascos de pele com as orelheiras estão pendurados a seu lado. Perto do chefe da esquadrilha, um telefonista, ajoelhado sôbre a relva não se separa dos fones. Uma viração suave movimenta a herva amarelada do outono; as nuvens deslizam suavemente. Aquí, no próprio campo se preparam os aparelhos; a um dêles se aproximou um caminhão com um pequeno guindaste que leva suspenso um motor novo, em outro estão trocando uma asa. Aterrissam e levantam vôo enormes aviões de transporte. Sob a ramada das árvores se encontram as barracas de campanha. Nelas, sôbre o feno, existem mantas, almofadas e livros: nelas vivem os pilotos. Comem no campo, em grandes mesas. Um ônibus-cozinha serve almoços, comidas e ceias abundantes.

Pelo campo, se aproxima de nós, sem apressar-se, Victor Kiseliev que inscreveu seu nome na lista dos heróis do ar. Tem o rosto curtido pelo sol e pelo vento, como todos os que vivem no aeródromo. Ao aproximar-se se apresenta ao comissário. Permanece logo de pé, olhando-nos um pouco admirado com os seus alegres olhos cinzentos. Entre os visitantes existem algumas mulheres e se envergonha de ter

um ferimento na face. Nos ensina, tirando dos bolsinhos os seus troféus: uma cruz de ferro que encontrou em poder de um fascista carbonizado, uma medalha filandesa e uma bala explosiva de metralhadora pesada dos alemães.

— Camarada Kiseliev, conte-nos como realizou a investida.

— Não me saí bem de todo — disse franzindo a testa. Estou seguro de que se pode realizar a abordagem de um avião inimigo de maneira que o avião da investida saia indefectivelmente ileso. Precipitei-me, porém, e a coisa não foi como eu desejava. Ainda não tinha experiência.

Sorri com modestia e o comissário ri.

— As minhas munições tinham acabado, o depósito de óleo e o radiador estavam perfurados e esperava que o motor parasse de um momento para outro. E' claro que ardia de desejo para que o inimigo não escapasse. Aproximei-me por baixo para romper os timões com a hélice — para isso, se si calcula com exatidão, basta tocar apenas com a ponta da hélice. Uma golfada de óleo caiu sôbre o parabrisa de meu avião. Via dificelmente. Aproximei-me com cautela e nêsse momento a corrente de ar do avião inimigo impulsionou o meu para cima. Foi aí que me precipitei. Investí dêsde o alto incrustando-me em seu costado esquerdo.

— O golpe foi forte? Que sentiu?

— Não senti nada. Devia tê-lo previsto, porém recebi um golpe de alavanca no rosto. Falando sinceramente, foi uma miséria. O avião estava descoberto pelo conjunto de luz dos refletores e desapareceu rapidamente. Meu avião entrou em queda de parafuso. Uma volta, outra, a terceira. Tratei de cuidar do aparelho, mas vi que não era possível, tinha que saltar fora. Rapidamente levantei os pés dos pedais, levantei, inclinei o corpo para a frente, porém a corrente de ar me derrubou. Não podia sair da cabine, era como se estivesse aderido a ela.

— Mas o seu aparelho continuava caindo?

— Sim, todo o combate se havia desenvolvido a uns mil e duzentos metros, nada mais. Apoiei-me em um pé e saltei. Contei até oito e procurei com a mão a argola do paraquedas que não encontrei. Acontece que estava em baixo do braço, puxei então e se abriu o paraquedas. Quando cheguei à terra vi que queimava apenas um avião, o outro não estava. Seria possível que fôsse o meu e que o do inimigo tivesse escapado? Passei um momento muito desagradavel. Mas não, o avião que ardia era o alemão. Procuramos o meu durante dois dias — havia caído, não longe do lugar, em um bosque: incrustou-se na terra como um projetil. Na superfície, apenas se via a cauda.

Eis aquí outra narrativa, disse o tenente Katrich:

— Às dez da manhã recebi a comunicação de que um avião inimigo voava rumo a Moscou. Levantei vôo e vi no ar uma franja branca: era a condensação do vapor. Tomei a direção do caminho de nuvens. A uma altura de seis mil metros avistei um ponto apenas perceptivel. O adversário estava na minha frente, longe e mais alto do que eu. Ponho a máscara de oxigênio. Meu avião, nessa altura, caminha melhor do que perto da terra, e isso me anima. Cresce o ponto que tenho diante dos olhos até adquirir a forma de um avião. Começo a distinguir seus emblemas, vejo as metralhadoras atrás da cabine de cristal. A altura é de oito mil metros, a distância de uns cem metros. "Agora não escaparás" — penso. Minhas balas enchem o avião da caúda ao motor. Somente depois os fascistas me vêem. O artilheiro me responde com o seu fogo. Repito o ataque, disparo uma grande carga e previno que se incendeia o motor esquerdo do avião inimigo. Com o terceiro ataque acabam as minhas munições. O metralhador da cauda está em silêncio porque, matei-o. O motor esquerdo desprende fumaça, mas o bombardeiro continua voando. Naturalmente espera que acabe o meu combustivel. Tomo a deliberação de investir.

Tinha pensado muito sôbre como devia investir contra um avião e em que casos poderia fazê-lo. A primeira notícia sôbre semelhante ação heróica de nossos aviadores me interessou profundamente. Porém êstes, ao investir contra o inimigo, perdiam seu aparelho. Tinha chegado à conclusão de que era possível a abordagem conservando o próprio avião. Estava, pois, no momento de comprovar minha idéia. Rapidamente me aproximo do bombardeiro. Faço uma viragem e me coloco à sua esquerda, toco com a saliência de meu avião a cauda do inimigo para tocar com a ponta da hélice o estabilizador e a qiulha. O cálculo foi exato. Ouví um ligeiro golpe, cortei o gás e rapidamente me desviei para um lado. Quando saí da viragem, o aparelho inimigo em um picado pronunciadíssimo ia para a terra velozmente. Lanço-me em "piquet" atrás do avião. O bombardeiro faz esforços para recobrar a postura horizontal, força o motor e durante alguns momentos o consegue. No fim perde a direção de novo, entra outra vez bruscamente em "piquet", cai em terra e começa a arder. Os camponeses que estavam ocupados em suas fainas, se dirigem correndo para êle. Então, decidí regressar ao meu aeródromo. Meu motor funciona impecavelmente. A hélice, um pouco torcida, produz uma vibração muito inten-

Perdon y Ama

Bién tu me dabas, negra ama, el canto
Para mi sueño de ángeles, y el ritmo
De tus rodillas, cotidiana hamaca
En mi inefable y fugitivo limbo.

Bién me donaste con tu leche casta,
Para mi corazón, blanco de flechas
Latido estoico y reservado aliento.
Mi negra ama, estampa de paciência.

La piel de mis abuelas españolas,
Templada fué con tu vital arrimo,
Oscura soy por tu nutriente seno.

Dile al destino, oh fiel y pura sombra,
Que en este pecho de orgullosos limos
Tu me filtraste miel perdonadora.

JUANA DE IBARBOUROU

---

sa que estremece o avião. Aterriço com toda facilidade.

O tenente Ereméiev, que participou em muitos combates aéreos, atacou de noite um bombardeiro inimigo e empregou no ataque toda a sua carga de munições. Para o avião atacado se aproximava outro avião inimigo, então, Ereméiev tomou a deliberação de investir. Se aproximou também do adversário e dêsde baixo cortou com a hélice o estabilizador e o timão da direção. O bombardeiro fascista perdeu o prumo bruscamente.

Na lista dos executores dessa forma de combate é preciso incluir também os Heróis da União Soviética, Talajijin, Sdorovtsev, Jaritonov e outros aviadores heróicos.

Na história da aviação, a abordagem é uma forma de combate absolutamente nova, somente realizada pelos russos. Executou-a pela primeira vez o conhecido piloto Piotr Nésterov. Isto aconteceu em 26 de agosto de 1914. Nessa data foi atacado o primeiro avião alemão.

Atualmente, os aviadores soviéticos aumentaram em grandes proporções a lista dos aviões alemães "ceifados" que foi aberta pelo glorioso iniciador Piotr Nésterov. Diversos fatores estimulam os aviadores soviéticos para êsse tipo de luta: sua própria natureza, sua psicologia de combatentes do ar russos, sua tenacidade, seu ódio pelo inimigo, sua intrepidez de aguias, seu ardente patriotismo.

— Não, senhores corvos hitleristas: são heróis, não como os senhores. O espaço pertence somente aos homens soviéticos do ar, audazes, fortes, homens de talento e de iniciativa. A aviação é uma forma russa de combate. O céu que cobre nossa Pátria tem sido e será sempre nosso.

A B C DE DEFESA POLITICA

Abelardo ROMERO

Em 1938, um ano antes da blitz, o advogado Marcel Willard publicava em Paris um livro tão original e tão útil aos militantes e simpatizantes do comunismo, que o seu título deveria ter sido: — A.B.C. da defesa política. Como bom advogado, porém, o autor preferiu "La defense accuse". E é com êsse título, traduzido ao pé da letra, que o livro aparece agora em português, publicado pela Editorial Calvino Limitada.

Se se tratasse de um ensaio sôbre a defesa considerada do ponto de vista *jurídico*, é claro que o livro só interessaria a causídicos burgueses, aos estudiosos e curiosos da ciência, ou melhor, da arte de defender *juridicamente* aqueles que caem nas garras da polícia e nas malhas da justiça burguesas. Sob êsse aspecto, a obra de Willard interessaria a milhares. Nunca a milhões. Obra para consultas, e não livro de cabeceira.

Ora, o maior mérito de "A Defesa Acusa" está justamente no interêsse permanente que êsse livro terá que despertar entre aqueles que, de uma hora para outra, (*quien sabe?*) poderão ter necessidade de recorrer às regras de defesa política ministradas por Lenine. A originalidade da obra está em que o autor, citando inúmeros casos de vítimas da justiça burguesa, reproduz as suas defesas sempre em forma de ataque e mostra como essas vítimas souberam tirar partido das piores situações. Enquanto os individualistas e apolíticos procuram defender apenas o pêlo, os comunas franceses e comunistas de todo o mundo têm agido ao contrário. Esquecem-se de que têm pêlo. Pensam antes no pêlo da classe tabalhadora.

Para provar que êsse sentido de defesa coletiva é instintivo no revolucionário batata, Willard recua até o XVIII século, começando o livro com as defesas de Babeuff, Blanqui e Louise Michel, a gloriosa Virgem Vermelha que, já naquela época, quando Lenine nem sonhava de nascer, dizia aos juizes: "Não quero me defender. Não quero ser defendida. Tôda eu pertenço à Revolução social, e declaro aceitar a responsabilidade de todos os meus atos."

Mas o miolo da obra é o célebre processo de Leipzig, em 1933, quando os nazistas, imitando os reacionários de tôda a parte e de todos os tempos, mandaram incendiar o Reichstag, a fim de criarem uma atmosfera de terror contra o P. C. alemão. O momento era excepcional, uma vez que Dmitrov se encontrava no Reich. E Dmitrov era o chefe da Internacional !

Mas a prisão e o processo de Dmitrov redundaram numa grande vitória para o comunismo, dentro da própria cidadela nazista. Pela primeira vez, na história do Nacional-Socialismo, o tiro alemão saira pela culatra.

A reprodução do processo de Leipzig é a parte mais importante do livro. E a mais bela, também. Willard demonstra como o búlgaro genial, assimilando a "Carta a Stassova", que Lenine escrevera em 1905, cumpriu à risca os conselhos do mestre, mostrando-se sempre corajoso, recusando advogado *ex-officio*, defendendo a sua causa, e não sua pessoa, atacando os acusadores e dirigindo-se às massas por cima da careca do juiz. Marcel Willard mostra, a seguir, como outros porta-bandeiras se portaram perante o inimigo de classe, nas prisões e nos tribunais. Recuando de novo no tempo, Willard cita o inglês Cuffey, que recusou o juri burguês, exigindo um tribunal de operários, e o russo Knunianz, que declarou: "já que o julgamento a portas fechadas torna impossível o contrôle da opinião pública, considero inútil a minha participação nos debates jurídicos."

A partir da guerra de 14, multiplicam-se os casos de defesa da causa proletária. Willard detem-se na Alemanha imperial, citando Bebel, Rosa de Luxemburgo e Liebknecht. Acusado do crime de alta traição, Karl arraza os juizes com estas palavras: "A traição para com a pátria foi, em todos os tempos, privilégio das classes dirigentes". E é verdade. E, como que para provar que entre aristocratas, burgueses e fascistas quase não há diferença quando se trata de reprimir o trabalhador, o autor de "A Defesa Acusa" reproduz atitudes heroicas de alemães que também defenderam o povo na Alemanha nazista. Luttgens, Fiete Schultze, Otto Funke e o admirável Edgar André, chefe da "Frente Vermelha" de Hamburgo.

Da França, basta citar o grande Marty, o marujo que forçou a retirada da esquadra intervencionista francesa em Sebastopol e desafiou o para-fascista Foch: "Bem, marechal,

aceitamos a luta". Li Causi, Sardo, Gramsci, Terracini e Ercoli (Togliatti) também defenderam o operariado na Itália de Mussolini. Lutibrodski, na Bulgária, e Pijabé, na Iugoslávia, agiram do mesmo modo. Da comuna austríaca de 734, Willard cita três combatentes vermelhos: Munichreiter, Weissel e Wallisch. De 1917 a 1935, Matias Rakosi empolga a massa operária húngara. Os cinquenta e sete de Lucke, com Boiko à frente, descrevem uma página épica, defendendo a Ucraina fascistizada pelos terra-tenentes poloneses, gente ainda pior do que os junkers da Prússia Oriental. O herói da Carélia, Toivo Antikainen, defende a terra da estrêla polar contra os guardas brancos de Mannerheim. Gutierrez e a grande Passionária, na Espanha; Doncea e Ana Pauker, na Rumânia, Massami e Itsikawa, no Japão, surgem entre os grandes defensores do proletariado.

No último capítulo, Willard trata dos porta-estandartes do comunismo no Novo Mundo. Mooney, Ghioldi e Luiz Carlos Prestes, a quem chama de "o novo Bolivar americano". Mostrando como o líder comunista brasileiro defende o operariado de acôrdo com as diretrizes de Lenine, Marcel Willard reproduz parte de sua defesa, no processo de 37, quando Prestes, longe de se defender pessoalmente, dentro dos poucos minutos que lhe deram para falar, aproveitou magnificamente a oportunidade, arrazando os "invertebrados getulianos" e dirigindo-se ao povo por cima da cabeça dos juízes reacionários do T. S. N.

A última parte de "A Defesa Acusa" consta de regras sôbre a auto-defesa política. Com êsse livro de cabeceira, com êsse A. B. C. da defesa da classe trabalhadora, nenhum revolucionário, por mais branco que seja, sairá derrotado de um tribunal fascista. Basta que se recorde das regras e saiba aplicá-las de acôrdo com as circunstâncias. O resto é canja. Mesmo porque, a burguesia já não está em condições de atacar, mas de se defender. E muito mal, aliás.

OS MOVIMENTOS REVOLUCIONARIOS NAS ARTES PLÁSTICAS QUE SE SUCEDERAM DEPOIS DO IMPRESSIONISMO

OSORIO CERAR

O expressionismo começou no ano de 1890 com o aparecimento do manifesto assinado por Van Gogh, Gauguin e seus amigos ("Franz Roh", Realismo Mágico, trad. esp. pág. 25-26). Ele apareceu, principalmente, para combater o impressionismo. A sua tese consistia no seguinte principio: "transfigurar a natureza real mediante a mais vigorosa simplificação plástica e lineal" (Franz Roh. — obr. cit. pág. 26). O mundo exterior, com a representação de seus objetos, nada sofreria, como por exemplo a imagem real de uma paisagem que teria de existir apezar de propositadamente deformada a favor da nova ordem plástica. Cézanne foi tambem um dos pioneiros do expressionismo.

Na música o expressionismo foi aplicado pela primeira vez pelo compositor Arnoldo Schonberg.

O expressionismo se caracteriza pela realização integral da verdade subjetiva do sentimento do artista, embora lance mão da deformação da realidade exterior. Grande parte da obra de Stravinsky ("Pássaro de Fogo", "Petruchka", "Sagração da Primavera',, etc.) está sentada no expressionismo.

Com o desenvolvimento do expressionismo nasceu o "cubismo", experiencia arrojada que procurava a "volatilização, a quase extinção do sentimento do objeto" (Franz Roh., obr. cit. pág. 26). A concepção cubista da obra pictórica se resumia unicamente na harmonia da forma e da côr. Combinava tambem os valores do espaço em arranjos arquitetônicos de blocos.

APOLLINAIRE ("Meditações estéticas sôbre os pintores cubistas") diz que o objetivo da pintura cubista não está no prazer da vista como acontece com a arte antiga, mas sim na procura de diferentes prazeres e sensações artísticas motivados pela harmonia das "luzes impares". Considera necessária a geometria nas artes plásticas tanto quanto a gramática na literatura. Os pintores do cubismo e do expressionismo em seus arrojados trabalhos se preocuparam de encontrar uma "quarta dimensão". O princípio dessa escola está em "considerar o Universo como ideal, ao contrário da concepção "humana" da beleza imposta pela arte grega" Como fonte de inspiração muitos artistas de vanguarda (Picasso etc.) se influenciaram nas esculturas egípcias, negras e oceânicas para a composição de suas telas.

O cubismo não é uma arte imitativa; esta arte, diz Apollinaire procura uma beleza ideal que não seja somente a expressão orgulhosa da espécie, mas a expressão do Universo na medida que êste se tenha humanisado na luz.

Para "Apollinaire" o cubismo tem quatro diferentes tendências: o cubismo científico, o físico, o órfico e o instintivo. O "cubismo científico" exprime conjuntos novos com elementos tomados não da realidade da visão, mas da realidade do conhecimento, isto é, das imagens intelectuais do artista. O "cubismo físico" toma, ao contrário, os elementos da própria realidade, visual ou sensorial, mas forma conjuntos novos, graças a sua disciplina construtiva cubista sendo a arte futura da pintura de história. O "cubismo órfico", como o científico, mostra conjuntos novos com elementos criados pelo artista, elementos que não existem na realidade visual, mas aos quais o artista dota-os de um grande poder de realidade. E o "cubismo instintivo" é um processo de pintar com elementos sugeridos ao artista pelo instinto e pela intuição. E' o mais comum e o mais individualista, pois cada artista exprime nele suas impressões e idéias com sinais e simbolos que emergem livremente do cáos imaginativo. Esta arte, seja dito de passagem, se assemelha com as manifestações artísticas dos esquizofrenicos, cuja vida psíquica é exteriorizada por sinais, símbolos e linhas retas e curvas.

Ainda do expressionismo saiu o "construtivismo". O seu ponto de vista era a estereometrização.

Essa tentativa de querer solucionar varios problemas das artes plásticas não passou se não do campo de puros ensaios. Não chegou a se cristalizar em arte. O seu fito consistia em poder "unir a pintura, a escultura e a arquitetura num só mecanismo de expressão e engrenar de um modo novo as antigas artes, separadas há tanto tempo (Franz Roh. — obr. cit. pag. 27).

Finalmente como ponto terminal desse período de revolução artística apareceu o grupo chamado "futurismo" italiano. Foi a pintura que recebeu de cheio essa tendência da nova ordem.

Boccioni, Severini e Carra foram os primeiros que tentaram "exaltar de um modo singular, a e m o ç ã o da simultaneidade" (Franz Roh. — obr. cit. página 30). No quadro, o plano representa apenas uma fase momentânea de uma ação. Esses pintores quiseram ir mais longe e

tentaram descrever em planos sucessivos, o fenomeno da transitoriedade em seu conjunto. Empregaram então uma técnica arrojada para expressar, em planos justapostos, atitudes simultâneas compondo uma única ação.

Essas tendencias todas que acabamos de descrever, sairam do expressionismo.

Na mesma época em que vitoriosamente se desenvolvia o expressionismo, uma outra corrente bem mais equilibrada na sua maneira de se expressar, apareceu em contraste com ele. Foi o "post - expressionismo". Este modo de pintar constitue uma como decantação e clarificação de toda essa revolução artística destes últimos anos, descobridora de novos caminhos.

Enquanto o expressionismo despresou o verdadeiro sentido representativo da imitação da natureza, o contrário aconteceu com o post-expressionismo que se esforçou para levar à pintura a visão da realidade. E, nessa escola de reação, muitas direções tomaram certos grupos de pintores na Europa. Assim, influenciados uns pela obra de Henri Rousseau começaram a se expressar em seus trabalhos de um modo simplista que por isso foram denominados de "naivistas" (de "naif" — ingenuo) e outros, com maior vigor, representaram fielmente as imagens reais da natureza o que lhes valeram a denominação de "veristas".

A linha verista é uma linha política do materialismo histórico e significa principalmente "uma reação contra os temas e gestos excessivamente "religiosos", contra a metafísica demasiada arriscada de certos expressionistas a qual se há querido opor uma vontade mais viril e menos otimista da realidade" (Franz Rohh. — obr. cit. pág. 104).

O fenômeno "verista" nasceu na Alemanha de após guerra de 1914. Na França, mais ou menos na mesma época, surgiu o movimento "surrealista" baseado nos mesmos principios do "verismo". Do seu manifesto deparam-se os seguintes trechos básicos: "A realidade é o fundamento de toda a grande arte. Sem realidade não há vida, não há substância. A realidade é o solo sob nossos pés e o céu sobre nossas cabeças.

"O surrealismo não se contenta de ser o meio de expressão de um grupo ou de um país: será internacional, acolherá todos os "ismos" que se desprende da Europa e reunirá os elementos vivos de cada um. O surrealismo é um grande movimento do presente. Significa salubrificação e superará facilmente às tendências, à destruição, à enfermidade, que se levantam em qualquer lugar que se edifique algo" (Franz Roh. — obr. cit. pág. 121).

O surrealismo é uma expressão artística requintada, subjetiva simbólica onde as associações de idéias se juntam numa fuga impulsiva (poriomania) comparada por vezes a certa atividade lúdica (divertimento) das crianças.

A arte dos surrealistas pode ser interpretada "como uma atividade de compensação, um recurso à fantasia para escapar às exigências demasiado rigidas do princípio da realidade" (J. Jastrow — A Psicanalise ao alcance de todos, trad. brasileira).

"O artista trabalha para realizar os seus sonhos — diz J. Jastrow; a arte assimila favoravelmente os produtos do subconciente. Há duas espécies de relações entre a arte e a psicanalise: compreender o artista psicanaliticamente e interpretar o emprego que o artista faz dos temas freudianos".

A arte surrealista está nesse caso e é a que melhor pode ser estudada sob o ponto de vista da psicologia freudiana.

Para um malogrado revolucionario europeu

(To A Foil'd European Revolutionaire)

Do original americano "Leaves of Grass" — Tradução de Oswaldino Marques

Coragem, apesar de tudo, meu irmão ou minha irmã !
Para a frente ! — servida tem que ser a Liberdade aconteça o que acontecer;
Não merece senão desdém aquilo que se deixa sucumbir
com um ou dois fracassos, ou com qualquer número de desgraças,
Ou com a indiferença e ingratidão do povo, ou qualquer deslealdade,
Ou com os arreganhos das presas do poder, de esbirros, canhões, códigos penais.
Aquilo em que acreditamos está latente, esperando sem cessar através de todos os continentes,
Não alicía ninguém, nada promete, posta-se tranquilo e bem à luz; é afirmativo e sereno; não conhece desalento,
À espera pacientemente de seu tempo.

(Não componho apenas cantos de fidelidade,
Mas também cantos de insurreição,
Porque eu sou o poeta eleito de todos os intrépidos rebeldes espalhados pelo mundo,
E aquele que anda nas minhas pegadas deixa a paz e a rotina atrás de si,
E expõe a sua vida a ser aniquilada a qualquer momento).

A peleja referve, alarmes selvagens enchem o espaço, os avanços e as retiradas se alternam,
Os pérfidos triunfam, ou acreditam que triunfam,
Os calabouços, os patíbulos, os garrotes, algemas, gargantilhas de ferro, bolas de chumbo, prestam os seus serviços,
Os heróis aclamados e obscuros traspassam-se para outras esferas,
Os grandes oradores e escritores são desterrados, e jazem moribundos em longínquas paragens,
A causa mergulha no sono, as mais poderosas gargantas são sufocadas no próprio sangue,
Os moços baixam a vista humilhados quando se cruzam,
Mas só assim é que a Liberdade foi expatriada e os traidores lançaram as garras sôbre tudo.
Quando a Liberdade emigra de um lugar, ela não é a primeira a partir, nem a segunda ou a terceira a partir,
— Ela espera tudo o mais retirar-se — ela é a última.

Quando não resta mais memória dos heróis e mártires,
E quando toda a vida e até mesmo toda a alma dos homens e das mulheres é excluida de qualquer parte da terra,
Só então é que a liberdade, ou a idéia da liberdade, se desvanece nessa parte da terra,
E os pérfidos entram na posse absoluta de tudo.

Portanto, coragem ! revolucionário, ou revolucionária europeus !
Pois, até que tudo cesse, vós não podeis cessar.
Eu não sei por que vos bateis (eu mesmo não sei a que me proponho, ou os fins que movem a mínima cousa),
Mas continuarei sempre cuidadosamente no encalço disso, mesmo sendo vencido,
Mesmo em meio a fracassos, miséria, juizos falsos, cárceres — porque estas cousas também são grandes.

Não julgávamos grande a vitória ?
Assim o é — mas agora se me afigura que a derrota, quando irremediável, também é grande,
E a morte e a prostração também são grandes.

WALT WHITMAN

Os operarios escrevem

Quero começar estas linhas, enviando as minhas felicitações à ESFERA pela possibilidade que oferece a todos os operários de manifestarem publicamente as suas tendências de escritor, na seção: OS OPERARIOS ESCREVEM.

Fato virgem no periodismo brasileiro, vem essa iniciativa consultar o momento histórico, em que todos os operários têm alguma coisa a dizer. Existem no seio da classe operária auto-didatas que sem nenhum favor competiriam com os melhores escritores profissionais, consultando, é claro, suas tendências naturais.

Os operários nas diversas categorias profissionais, têm os seus escritores, que pouco a pouco vão se tornando conhecidos no seio das mesmas; elevando-se no conceito dos seus colegas como operários-intelectualizados, e, que se projetam dentro da classe, elevando-se como suas lidimas expressões.

Não podemos abstrairmo-nos ao falar do escritor-operário, da figura grandiosa de Gorki na velha Russia, que as contingências da vida levaram a transformar-se no escritor profissional, universalmente lido e admirado pelo conteudo social de que impregnou toda a sua obra.

No Brasil, tivemos Machado de Assís que iniciou a sua vida como aprendiz de tipografo, e, através do trabalho em infecta oficina, estudou e tornou-se o escritor conhecido e admirado por gerações e gerações. Temos os que ainda hoje, mourejam de sol a sol ainda lhes sobrando tempo para escreverem. A corporação gráfica — me perdoem o corporativismo — é fertil em operários que escrevem. Aí estão: Chagas Ribeiro, que publicou o seu livro "Mocambos" — Recife — 1934 — e que continua trabalhando na linotipo, em uma das oficinas do Rio; Lourival Coutinho, conhecido nas rodas de teatro como autor de varias peças, jamais abandonou a profissão; Carlos Dias, autor de vários livros, parece-nos que atualmente em São Paulo; Ulisses Martins, que secretariou a "Vanguarda" na sua primeira fase; Artur Arezio, falecido na Baía em 1940, publicou uma série de livros sobre artes gráficas; Everardo Dias, autor de vários livros, entre eles — "Bastilhas" — que foi em São Paulo, um sucesso de livraria, e muitos outros que nos foge a memória, convindo lembrar que em 1858, como consequência de uma greve dos gráficos de jornais, foi fundado e circulou durante dois meses o "Jornal dos Tipografos", dirigido por operários gráficos.

No atual momento encontramos um punhado de gráficos que se destacam no todo corporativo pelas suas tendências de escritor-operário, quer na literatura de combate, quer na literatura propriamente dita; dando-nos a conhecer verdadeiras filigranas de concepção e modo de dizer. Citemos os que nos vêm a mente, sem desdouro para os muitos que não pudemos recordar: Paulino de Oliveira, Anakcilio Lourical, os irmãos Cavalcanti, Omar Oliveira, Iguatemy Ramos e Teodoro Jonhson.

Na corporação dos marcineiros encontramos a figura de Roberto Morena, expressão de escritor-operário de âmbito nacional e internacional.

Russildo Magalhães, pontifica entre os operários da construção civil como autêntico escritor e lider das aspirações corporativas.

Em São Paulo temos o operário tecelão, cujo nome não nos recordamos que aí por 1917-18, publicou sob a influência da filosofia anarquista um interessante livro sobre a "História secreta do Papado".

E qual das corporações que não possue componentes intelectualmente desenvolvidos?

Acreditamos que nenhuma.

Só nos resta fazer a apresentação dos que escrevem, inaugurando a nova seção de ESFERA. Todos, operários gráficos labutam diariamente, um no teclado da linotipo; Euclides J. Cavalcante, os dois outros — Duvitiliano Ramos e Aldino Freitas — são compositores gráficos manuais. Todos dispendem energias que só os que conhecem o metier podem avaliar, e ainda têm cérebro para escrever. Nós que particularmente os conhecemos, podemos afirmar que o que eles apresentam aos leitores de ESFERA reflete bem as suas inclinações. Aldino, em suas "Palavras que sofrem" põe à prova a sua delicadeza de sentir, num estilo muito seu, fazendo lembrar a leveza de plumas ao vento. Euclides, trabalhador ativo, digno representante do "homus-economicus", despreza as futilidades, (mesmo por telefone) e por isso cria — "Miss Telefone...". Duvitiliano, espelha-se admiravelmente em "Bolivar, o libertador" — é a meticulosidade crítico-histórico-social, apesar de conhecermos outras facetas da sua pena vigorosa, a sua tendência natural, é o historiador, que, criticando, chega a determinadas conclusões que somente na sociologia encontramos enquadramento.

Doravante fica entregue a vocês, meus irmãos de classe a seção: OS OPERARIOS ESCREVEM.

OSWALDO SANTA FÉ

Toda correspondencia para esta seção deve ser enviada para O. Santa Fé - Caixa Postal, 2.013 ou para a Redação - Rua do Rosario, 139-1.°-s. 3-Rio

Desenho de Alcides Rocha Miranda

BOLIVAR O LIBERTADOR

DUVITILIANO RAMOS

Bolivar — "cavaleiro da glória e da liberdade" — surge nas lutas de libertação do continente, dentro das contingências impostas pelas condições da época, como o tipo mais representativo do aventureiro. Bem poucos sentiram, como êle, no agitado processo histórico que se desenrolou de 1812 a 1830, da Venezuela à Colombia e desta ao Perú, em meio às lutas de todo gênero, dêsde as guerrilhas às batalhas em campo raso, das intrigas às tentativas de assassinato, o gosto agridoce da aventura, onde o seu cavaleirismo inato como que revivia, nas planuras desertas do Novo Mundo, a epopéia medieval do Cid, atualizada pelos problemas em torno dos quais a sua geração foi chamada a opinar. Mescla de colono e espanhol, recalcado e altivo, insubmisso e obediente, Simon Bolivar é bem a expressão do "criollo" de estirpe peninsular, conciente do processo de decadência das classes superiores da sociedade metropolitana, que, naquele período do ciclo napoleônico, buscou viver heròicamente o seu momento, sendo útil à sua pátria e aos povos do continente. Não tomou um modêlo por figurino. Como que possuiu a acuidade surpreendente de chegar no momento em que a presença de um herói era reclamada. Êsse o caminho da glória. E ao percorrê-lo, mais feliz do que Miranda, soube bater-se tanto pela libertação dos escravos como pelos princípios democráticos republicanos, cuja inspiração bebêra em Roussau.

Seu retrato psicológico, a interpretação de suas ações e reações mais em função de seu temperamento exaltado e romântico que em função do meio e das questões ambientes com que se defrontou, como que relega para um plano secundário o particularismo econômico das várias regiões por onde se alastrou o lento e doloroso processo da libertação nacional. Sem embargo dessa deformação, a pertinácia de que deu provas e a fidelidade que manteve àqueles princípios, pelo espaço de vinte anos, quase todos ocupados em combater os espanhóis, formam no livro de Ludwig, escrito naquele estilo "de culminância a culminância" — tão agradavel na expressão de Laski —, um documentário vívido do alto senso político e social que nortearam as ações do herói até a sua morte.

Todavia, a importância do fator econômico como determinante das condições de amadurecimento do clima propício às lutas pela libertação como que permanece latente em grande parte do livro, tornando-se subentendido nas entrelinhas. Nem só o exemplo e a influência da revolução americana, nem tampouco os efeitos e a influência do desenvolvimento da revolução francesa. Precisamente porque não encontrou condições maduras é que Miranda fracassou, depois de lutar brilhantemente sob a direção de Washington e de Napoleão.

Se bem que no processo hispano-americano se deva levar em conta o terrorismo com que os conquistadores liquidaram, com requintes de crueldade, a cultura incaica e impuseram às nações autóctones, a ferro e fogo, novos hábitos a par da crença num rei e numa Santa Madre Igreja estrangeiros. Tal processo não podia deixar de se fazer sentir através das gerações, daí as esporádicas sublevações crioulas que os espanhóis abafaram sucessivamente, a fio de espada, e a subserviência que, no curso da opressão e da miséria generalizadas, sobretudo nas regiões mineiras, caracterizavam o elemento indígena. Ao passo que na mineração pululavam os mais audazes aventureiros, contrabandistas, ao mesmo tempo chefes de salteadores e piratas marítimos — de onde possìvelmente, se originaram os "irmãos da costa" —; no cultivo da terra e na criação do gado, já as relações que entretinham os colonos com os indígenas — e influenciando os próprios es-

cravos negros, inclusive — eram outras, diferentes, senão humanas, mais propícias, por certo, à formação duma consciência nacional. Essa diferenciação, acentuada pelo complexo social afeito à paisagem nativa que as comunicações facilitavam ao intercâmbio e alimentada pelo clássico individualismo peninsular em concomitância com os surtos nativistas que a invasão napoleônica da Espanha fez surgir, simultâneamente, de sul a norte, nos vastos domínios do vice-reinado, junto com o processo elementar de bandos de salteadores e guerrilheiros — de onde emergiram os caudilhos —, contribui para esclarecer o fracionamento do grande sonho de Bolívar — a Colômbia de meio continente —, e a formação de cinco países. Se pela Grande Colômbia, Bolívar jogara a vida nas emprêsas mais arriscadas, seu "desmembramento" só poderia acarretar-lhe a morte. E' a lógica do destino, ou, como queria Napoleão, a explicação da "natureza das coisas".

Ludwig, expressivo ornamento "fim de classe" da cultura européia, nos apresenta um Bolívar republicano, militar, diplomata, supinamente sedutor. Faz convergir todo um jôgo de luz sôbre o herói. E' a culminância. Do confronto com San Martin, diz-nos que o herói dos pampas, antes de se avistar com o Libertador, já se considerava vencido. E de Sucre dá-nos uma ligeira impressão, deixando-o na meia-sombra. Possìvelmente, a sugestão da figura invulgar de Simón Bolívar, atuando nas difíceis condições da época, tenha influido sôbre o escritor, particularmente tendo-se em conta que o seu livro foi escrito nesse período difícil para certas categorias sociais discernirem o real do fantástico, como o ano de 1938. Época em que a besta nazi-fascista utilizou a demagogia sob várias formas, procurando neutralizar a sensibilidade nacional e corrompê-la através de sua propaganda. Contudo, as condições da república bolivariana, em 1825, possuiam certas características de estabilidade, em que pese o jôgo permanente das disputas partidárias; não fôra assim, não compreenderiamos que um revolucionário pernambucano como José da Natividade Saldanha, emigrado em Caracas, nesse ano, em conseqüência da revolução de 1824, tenha se sentido em segurança bastante para enviar de lá, num soneto célebre, uma procuração original a um desafeto político "autorizando-o a se deixar prender e sofrer na fôrca o castigo merecido, como se êle próprio fôra"... Sinal de que os republicanos estrangeiros não eram mal acolhidos, e de que também existiam no país hábitos e práticas republicanas. E também o fato de se encontrar lutando nas fôrças da república, chegando até a alcançar o posto de brigadeiro, o filho do padre Roma, o posteriormente conhecido socialista general Abreu e Lima — "o general das massas". Ambos perseguidos pela política reacionária de Pedro I e seus ministros. Estes dois fatos comprovam a honestidade republicana do Libertador e depõem perante a história sôbre o desenvolvimento democrático das nações libertadas, em cujo seio foram asilar-se os dois revolucionários brasileiros, fugindo ao terrorismo imperial.

A subestimação do sentimento nacional e a sobrestimação da característica peninsular como agentes determinantes da formação dos atuais países, pelo processo do caudilhismo, não resiste a uma análise elementar. O culturarismo, não raro, põe em circulação apreciações inconsistentes. Sílvio Romero chegou a chamar aos nossos movimentos revolucionários da época colonial de sedições nativistas de cunho tapuia; a única revolução que êle considerou como tal foi a pernambucana de 1817. Daí que Emil Ludwig tenha se abstraido de ver no Libertador o homem determinado pelo meio, sofrendo a influência das condições sociais vigentes, manobrando com tacto, com argúcia, com uma plasticidade admirável para a época e o meio, e o interprete mais à base da oposição Fausto-Quixote...

Afora essas debilidades, que limitam para nós a grande figura de Simón Bolívar, o livro de Ludwig fixa em tôda a sua grandeza a extraordinária atividade do Libertador na luta pela independência das antigas colônias espanholas, na defesa da república e do regime democrático, já pugnando pela completa extinção da escravatura e dando o exemplo — libertando os seus próprios escravos —, já elaborando a constituição federal, concedendo autonomia aos departamentos, entabolando negociações com a América do Norte, com a Inglaterra, lutando pelo reconhecimento do novo Estado. Militar, legislador, estadista — um produto extraordinário do solo americano.

PALAVRAS QUE SOFREM

Aldino Freitas

Elas estão enfileiradas diante de mim. Têm um aspecto vivo e insinuante, mas os seus olhos não podem esconder que estão elas muito tristes. Há mesmo uma que parece trazer os olhos molhados. Gostaria de saber se está chorando, mas ela adivinha o meu pensamento, e começa a falar:

•

— "Eu sou uma das palavras que mais tem sofrido nos últimos tempos. Sou amaldiçoada em todas as linguas em todas as partes do mundo. O ódio que se move contra mim é tão grande que alguns homens chegam a perder a compostura e entram a uivar os fonemas de que se compõem as minhas sílabas".

Percebo um pequeno sussurro no meio das palavras que estão enfileiradas diante de mim. Olho para elas e observo que estão todas ansiosas por contar a sua história, o motivo da sua de-

solação. Mas a primeira palavra continua:

— "Ainda há poucos dias, na Assembléia Constituinte, um homem, vestido de longa túnica preta, como se estivesse falando de dentro da noite..."

A primeira palavra se cala, de súbito, e se vira para trás, com um gesto de impaciencia. A segunda palavra da fila puxou-lhe o braço e agora está dizendo qualquer coisa no ouvido dela. E' ainda a primeira palavra que volta a falar:

— "Acho que você já sabe a quem eu me estava referindo, e já sabe tambem quem sou eu. Naquele dia, na Assembléia, sofri muito, muito. Não tinha pensado ainda que alguém pudesse uivar o meu nome com a boca tão cheia de espuma e estupidez. O próprio ar que articulava as ondas sonoras daqueles bramidos, o ar tremia de um modo todo diferente, pelo qual me consolava sentir, naqueles tremores, a solidariedade do éter".

Há mais uma pausa. A primeira palavra está me olhando com uns olhos inquietos, interrogativos. Volta o ouvido para receber outra mensagem da segunda palavra, ouve-se um leve murmurio no meio das outras palavras, e a minha interlocutora esfrega as mãos:

— "As palavras que me seguem são minhas companheiras de sofrimento e uma delas é até minha irmã, por isso que derivamos do mesmo radical. São palavras que sofrem, como eu, as chicotadas das linguas impuras, das linguas que a demagogia, a infâmia, o medo e o ódio tomaram a seu serviço. Não sabemos até onde irá no tempo, a nossa tragédia, mas, como a lei das compensações se cumpre em todos os sentidos alegra-nos verifiicar que já uma grande parte dos homens da terra nos enobrece com o seu amor. São os fracos, os humildes, os pequeninos, os homens puros, os verdadeiros construtores de todas as grandezas e que vivem estranhamente esmagados pelas próprias grandezas que constróem"...

A primeira palavra faz um gesto indefinivel e desaparece, com as outras num raio de sol que está debruçado ali na janela.

MISS TELEFONE...

E. J. Cavalcanti

Há pessoas que não observam estarmos em um tempo no qual não se pode ter um mínimo descuido das horas que voam. Na confusão de um momento, num abrir e fechar de olhos, muitas coisas podem ser resolvidas. A atualidade não admite cansaço, não tolera desanimo, nem aceita desculpas banais ou mesmo banalissimas. A época é da velocidade. O homem mecaniza-se. As palavras são simples. As idéias absolutamente concretas. Na vida mecanizada que vivo, uma fuga, um olhar, uma conversa fiada, representa perda de tempo enorme, que invariavelmente não é recuperado como se deseja. Isto a propósito de uma chamada de telefone. A noite se não tinha a tristeza das boas noites frias, prometia entretanto, ser uma noite suave serena, uma dessas noites pra gente se deitar, molemente, de papo pro ar, e adormecer fitando as estrelas. Trabalho dedilhando um teclado da máquina. Ouço o tinir do telefone. Continuo a trabalhar. Sou chamado para atender ao telefone. Do outro lado do fio uma voz feminina. Diz-me coisas do arco da velha. Sabe de minha vida mais do que eu. Convida-me a um encontro. Diz por onde andei passeando no domingo. Deseja tambem ir à primeira sessão do "Gloria". Tem requintes de grande dama. E no final de tudo isto diz apenas que seu nome tem as iniciais: M.A.S. Desconheço as iniciais, a pessoa e tudo mais. Não vejo razão para similhante telefonema. Talvés, M. A. S. tenha telefone à sua secretaria e se divirta chamando pessoa que de fato, não é de seu conhecimento. Enfim, como tudo é possivel, prefiro por de lado as iniciais M.A.S. para batizá-la com o nome de MISS TELEFONE.

RUINAS HUMANAS

Ney Guimarães

Numa das páginas mais recentes do seu "Jornal de Críticas", sob o título "Questões poéticas", servindo de preâmbulo a uma série de julgamentos de alguns poetas e dos seus livros editados em 1945, o conhecido crítico Alvaro Lins escreveu:

"Ultimamente vem acontecendo que cada ano se torna característico pela riqueza ou abundância na publicação de livros de um determinado gênero literário. Como se explica que um ano fique marcado pela publicação de numerosos e excelentes romances, enquanto outro fica assinalado por iguais acontecimentos na ordem da poesia? Simples acaso ou presença de alguma misteriosa força de intermitência? 1939, por exemplo, foi um ano do romance; 1940, da poesia. 1945, contendo em seus dias acontecimentos políticos de extraordinária agitação no plano internacional e nacional, ficará também lembrado na vida literária como um ano da poesia."

Está muito certo o conceito do grande crítico pernambucano. E o aparecimento, no ano passado, com muita atenção, de trabalhos de Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura, Lêdo Ivo, Cecilia Meireles, Henriqueta Lisboa, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Odorico Tavares, Antonio Rangel Bandeira, Domingos Carvalho da Silva e Jorge Medauar deu prestígio à poesia e a significação da maioria desses volumes pôs o gênero em destaque muito especial.

Mas, em 1945 foi também um ano de ensaio, com a publicação de um ótimo conjunto de obras em que alguns autores de renome, Gilberto Freire, Hermes Lima, Caio Prado Jr., A. da Silva Melo, Ademar Vidal, Otavio Tarquinio de Souza, João Cruz Costa, Nelson Werneck Sodré e Djacir de Menezes demonstraram o resultado de pacientes estudos de problêmas diversos da maior importância, não estivessem os mesmos ligados a fatores sociais e humanos.

Alem da poesia e do ensaio, porem, todos os gêneros tiveram ocasião de destacar-se, durante o último ano, alguns com mais oportunidade que outros. Assim, nas belas artes "Pintura quase sempre", de Sergio Milliet, marcou esplêndido sucesso, como se cercaram de êxito, na biografia, "O Barão do Rio Branco", de Alvaro Lins; "Ruy Barbosa", de Luiz Delgado; "José Bonifácio", de Otavio Tarquinio de Sousa; na crônica, "Portas abertas", de Alvaro Moreyra; "Poesia e vida", de José Lins do Rego; na crítica, "Interpretações", de Astrojildo Pereira: "Brigada ligeira", de Antonio Cândido; "O crítico literário" e "Estética literária", ambos de Alceu Amoroso Lima; em memórias, "Infância", de Graciliano Ramos; no romance, "Abdias", de Cyro dos Anjos; "Os homens sós", de Emil Farhat; "Ranger de dentes", de Alírio Meira Vanderlei; na novela, "João", de Amadeu de Queiroz.

Também se distinguiram a reportagem, com trabalhos de Rubem Braga, Origenes Lessa e Joel Silveira, e os depoimentos, com a apresentação, em volume, de "Testamento de uma geração" e "Plataforma da nova geração", sob os cuidados de Edgar Cavalheiro o primeiro, e de Mário Neme o segundo.

E uma boa série de peças teatrais foi editada, de autores célebres como Joracy Camargo, Ernani Fornari e Maria Jacintha.

O gênero que menos atenção despertou no ano passado foi o conto, que, no entanto, em 1944 atravessou ocasiões das mais favoraveis, com o lançamento de "Vila Feliz", de Anibal Machado, "Os humildes", de Godofredo Rangel, "Uma luz na enseada", de Osvaldo Alves, "Mulher que sabe latim...", de Mário Neme, "João Urso", de Breno Acioli, e "A humilde espera", de Helena Silveira.

Quase ao terminar 1945, Graciliano Ramos publicou "Dois dedos", reunindo dez dos seus melhores contos, numa edição especial, limitada, com ilustrações em madeira de Axel Leskoschek. O preço do volume foi de Cr$ 225,00.

E Joel Silveira, o autor de "Onda Raivosa", de regresso da Itália, onde esteve com as forças expedicionárias brasileiras, reapareceu com o volume "A lua".

O conto esteve, portanto, representado, e deu-lhe realce, além de Joel Silveira e do consagrado autor de "Vidas sêcas" e "Angústia", o romancista Raimundo Sousa Dantas. Como Joel Silveira, Raimundo Sousa Dantas é de Sergipe. Ele se fez conhecido através de diversos trabalhos publicados nos jornais e revistas do país, e em fins de 1944 apareceu o seu primeiro romance, "Sete palmos de terra", recebido pela crítica como uma estréia muito promissora. Não, certamente, uma estréia tão comentada como as de José Lins do Rego com "Menino de engenho", Dionélio Machado com "Os ratos", Ciro dos Anjos com "O amanuense Belmiro", Osvaldo Alves com "Um homem dentro do mundo", e mais recentemente de Clarice Lispector com "Perto do coração selvagem". Mas uma estréia que chamou a atenção de muitos porque o novo romancista reunia qualidades que mostravam a sua aplicação. Não pretendendo ser original, não forçando a sua naturalidade, concentrava sua aptidão sobretudo no reproduzir as coisas humanas com um sentido de vida intenso.

Antes de aparecer com o seu segundo romance, "Solidão nos campos", que tudo indica deverá ser lançado este ano, neste 1946 que, pelas perspectivas, nos brindará com muitos e bons trabalhos em tôdas as atividades literárias, Raimundo Sousa Dantas publicou um volume de contos, "Agonia".

E' o 22.º volume da "Coleção Caderno Azul", da Editora Guaíra Ltda., sob a direção de Sergio Milliet, De Plácido e Silva e Luiz Martins. Nessa coleção, cujo volume inicial foi "Música do Brasil" de Mário de Andrade, têm sido publicados trabalhos de Mário Neme, Edgar Cavalheiro, Sergio Milliet, Alvaro Moreyra, Mario Donato, Amadeu de Queiroz, Ciro T. de Padua, Elsie Lessa, João Dornas Filho e professores Roger Bastide e Donald Pierson.

Existe uma atmosfera de amargura nas histórias reunidas em "Agonia". A dor é o clima predominante nas quatro narrativas e podemos dizer que é

messiânico

Desembarquei na vida desarmado,

Longos cabelos de apóstolo, túnica branca, uma pomba arrulhando ao ombro;

Saltei indefeso, as mãos compassivas serenamente vazias...

Mas logo os homens me cercaram com suas armas

E até as crianças dilaceraram as minhas vestes e prorromperam em vaias.

Meu rosto vincou-se de amargura e com o punho crispado batendo no peito,

Jurei nunca mais repousar enquanto não redimisse o coração humano

E desde então percorro todos os quadrantes da terra pregando a vida afetuosa,

Anunciando ao homem velho o advento do Homem Novo!

OSWALDINO MARQUES

Do livro a sair: POEMAS QUASI DISSOLUTOS

---

a personagem principal de que se vale Raimundo Sousa Dantas. Os seus tipos que adoecem, agonizam, sofrem e choram em "Agonia", "Ana parece cansada", "O enfermo" e "Uma criança sorriu" esgotam-se na luta e na dor. Não há ideais, porque estão desprezados, destruidos pela angústia de todos os instantes.

Estão nos contos de Raimundo Sousa Dantas as tragédias desconhecidas, os dramas ignorados, que sucedem todos os dias, enquanto a vida das ruas, das escolas, dos escritórios, das lojas, das repartições, das fábricas, dos hotéis e pensões, dos salões elegantes, das casas de jogo e dos centros de diversão prossegue em seu curso normal. São bem instantâneos do nosso tempo, episódios de um momento que à humanidade importa vencer. Essa gente desalentada, triste, cheia de repressões, dominada pelos tormentos, de ideais renegados, que está nos contos de Raimundo Souza Dantas forma, em número consideravel, no panorama social brasileiro, e, entre os muitos existentes, é um dos nossos problemas que estão exigindo estudos sérios e cuidados especiais.

As mudanças sociais obtidas pelos movimentos promovidos pelo homem buscando situações de mais confôrto para os aglomerados humanos trarão consigo a solução para reduzir ao mínimo um mal que permanece e encontra sempre livre campo para se estender porque são muitas as causas que envolvem o problema e lhe dão margem para assumir tamanha gravidade. Quando a humanidade tiver o suficiente das necessidades essenciais à vida, esse problema aparecerá em proporções mínimas, não causando tão grande dano como nos dias difíceis que atravessamos.

Está no imenso "Jean Christophe", de Romain Rolland, esta curta, porem decisiva frase: "O esforço incessante do homem deve ser o de diminuir a soma total do sofrimento e da crueldade; é êste o seu primeiro dever".

E Antoine de Saint-Exupéry deixou estas palavras em uma de suas obras: "O que fez grande a minha civilização foi que cem mineiros foram convocados para salvar um só mineiro soterrado. O justo é que mil morram para libertar um só homem de uma prisão injusta. Lutarei pelo Homem. Contra os inimigos do Homem — mas também contra mim mesmo".

E' este sentido de simpatia humana que nós vemos existir nos contos de Raimundo Sousa Dantas. Ele faz por dignificar a vida.

UMA FELIZ
DOS GR

Santa Fé

Os trabalhadores do Livro e do Jornal estão promovendo um dos mais importantes movimentos que uma classe profissional já conseguiu levar a efeito, partindo de suas bases e se ampliando em poderosa organização cujo carater unitário parece bem profundo.

Assim, ESFERA, como órgão integrante de tão numerosa classe resolveu ouvir alguns dirigentes do oportuno empreendimento — o industrial Ozon Rodrigues, diretor das Oficinas Gráficas do Espírito Santo e das Edições Estrela Limitada e o gráfico Osvaldo Santa Fé, das Oficinas de "Vida Turfista", ambos fazendo parte da Diretoria Provisória do H.B.G., o primeiro como Tesoureiro e o segundo como Secretário Geral.

Disse-nos o sr. Santa Fé:

— O Comité Democrático dos Trabalhadores Gráficos, já vinha sentindo de há muito o desamparo em que se encontra a grande corporação. De inicio chegou mesmo a lançar a organização de uma Policlínica. Seria já um passo para atender aos profissionais que geralmente suportam um ambiente insalubre em suas fainas diárias. Seria uma campanha tão necessária aos empregados como aos patrões, pois melhorando as condições de saúde dos operários o rendimento do trabalho viria minorar as tão sérias deficiências da nossa indústria gráfica.

Perguntamos como surgiu essa idéia de tão gigantesca reivindicação, o Hospital Beneficente.

— O H. B. G. nasceu exatamente no começo do trabalho pró-Policlínica. Foi o sr. Ozon, experimentado industrial quem fez as primeiras observações e apresentou a sugestão da transformação hoje já vitoriosa. Em uma reunião, preliminar tudo ficou assentado e depois de consultas a vários companheiros conseguimos constatar que a assistencia mais eficiente aos gráficos era de fato uma idéia que se impunha.

Uma comissão central deu inicio aos primeiros trabalhos, debateu as questões básicas para que se pudesse de fato, ativar o que ficara aprovado como tarefa a realizar.

Então, uma comissão mais ampla se reuniu e traçou um programa imediato. Lançar um manifesto, o que foi feito e gostaria que divulgassem em ESFERA.

De fato, o pequeno manifesto que abre o importante trabalho a ser levado a bom termo, concretiza de certo modo o que se propõem os gráficos a pôr em prática.

Ei-lo:

"*Nós, componentes das Indústrias Gráficas e do Papel, (linotipistas, caixistas, impressores, margeadores, estereotipistas, encadernadores, fundidores, mecânicos, gravadores, fresistas, gerentes, auxiliares de escritório, porteiros, contínuos, vigias, serventes, fotógrafos, jornalistas, tradutores, escritores, desenhistas, revisores, agentes, de publicidade, vendedores de jornal; trabalhadores em geral em fábrica de papel, livrarias, editoras, papelarias, etc...) desde o menos graduado até o próprio dono da emprêsa, nela participando como industriais, gerentes, chefes, oficiais, meio-oficiais, aprendizes, vendedores, etc..., apoiamos a iniciativa levantada pelo C.D.T.G. com o fim específico de proporcionar aos trabalhadores das mencionadas indústrias um Hospital Beneficente que poderá ser idêntico ou superior aos já existentes, como os da Ordem Terceira da Penitência e outros, por preço do custo mais acessivel e por forma mais facil de pagamento. Por meio deste Manifesto, convidamos a todos os que nela labutam, quer empregados, quer empregadores para coadjuvarem no empreendimento. Aos que se inscreverem dentro de três meses, a contar desta data, ser-lhe-ão proporcionadas as vantagens de fundador, tais como: remissão por* Cr$ 1.500,00 *(mill e quinhentos cruzeiros) pagáveis:* Cr$ 50,00 *no ato da inscrição e de* Cr$ 10,00 *por semana; isenção do exame de saúde e do limite de idade. As quantias arrecadadas, das contribuições dos sócios só serão empregadas nas despesas da construção e instalação do Hospital ou na aquisição de apólices ou imóveis para a manutenção do Hospital.*

Quando Gustavo de Lacerda fundou a atual A. B. I., foi para muitos um visionário vulgar. Hoje quando contemplamos a obra por ele idealizada, não imaginamos as dificuldades que encontrou e o ridiculo daqueles que desdenharam do seu sonho.

Certos de que todos os colegas aproveitando esta oportunidade única

NICIATIVA
ÁFICOS

Ozon

com a qual sempre temos sonhado, esperamos para muito breve a concretização deste nosso ideal, e, dado o número e facilidade, de pagamento será mais do que certo de que o nosso Hospital, com suas clínicas será uma das maiores organizações no gênero na América do Sul, da qual muito nos orgulharemos amanhã.

Rio de Janeiro, 24 de Março de 1946.

Depois de lido vê-se bem que existe uma visão clara para uma obra de tão grande vulto. Em linguagem bem acessível os gráficos explicaram seus intentos para uma atuação que nada deixe a desejar.

Continuando com a palavra, prosseguiu o sr. Santa Fé:

— Os nossos trabalhos vão adiantados. Já temos uma direção provisória:

Presidente: Francisco da Cruz Machado; 1.° vice-presidente: Antonio Pinto; 2.° vice-presidente: Silvia Leon Chaireo; secretário-geral: Osvaldo Santa Fé; 1.° secretário: Omar Silveira; 2.° secretário: Augusto Cavalcanti; Tesoureiro: José Ozon Rodrigues; 1.° assistente de tesoureiro: Waldemar Daim; e 2.° assistente de tesoureiro: S. Hersen.

Os nossos planos já estão sendo ativados. Duas comissões, uma de Divulgação e outra para a elaboração de um projeto de Estatutos. As listas de adesão para a formação de uma grande comissão central estão se multiplicando ràpidamente. Assim, dentro de pouco tempo uma Assembléia irá debater e aprovar os Estatutos.

Arriscamos perguntar:

— Que números estima para chegar a resultados objetivos? Aceitarão os gráficos tão importante trabalho de assistência? Afinal quantos elementos se alistarão ou já assinaram propostas para sócios fundadores do H. B. G.?

— Objetivamente creio que conseguiremos o congraçamento da familia gráfica. Os intelectuais que labutam na imprensa tem muitas vezes sérias dificuldades econômicas tão alarmantes quanto às dos próprios operários. Estamos na época das vitórias democráticas e esse aspecto da questão é que mais me entusiasma.

Seremos muitos, talvez 4.000, quem sabe, nos quadros do novo Hospital Beneficente.

Ficar sócio remido com a quantia de Cr$ 1.500,00, pagáveis à módicas prestações semanais de Cr$ 10,00 nos é vantagem a desprezar. Sim, porque usufruir o mesmo tratamento a que têm direito os sócios remidos das ordens mais ricas da cidade, já é alguma coisa a favor de uma classe tão laboriosa.

Mas quero firmar no essencial — o congraçamento da familia gráfica!

Faltava a palavra do tesoureiro do H.B.G. Enquanto o secretário falava, Ozon, velho artista da caricatura traçava os retratos que ilustram estas páginas.

Perguntamos logo de saída:

— Qual o seu prognóstico sobre a adesão dos Diretores de Jornais, Gerentes de Oficinas, jornalistas ou industriais?

— A melhor possivel — o sr. Herbert Moses presidente da A. B. I. usou a expressão de movimento vitorioso. Não será a sua opinião um sinal certo de vitória? Creio que sim.

E' bem verdade que a nossa opinião era a mesma. Mas precisamos saber de outros elementos que com os seus nomes subscrevem o apoio de uma justa reivindicação. A lista porem era enorme e chegava à sede provisória do H.B.G. um de seus elementos mais dinâmicos, o sr. Hersen, Diretor Gerente da Editorial Calvino. Falava tambem em muitos nomes da indústria do livro e do papel. O sr. Ozon estava querendo falar e recomeçou:

— Nosso grande cuidado inicial foi não utilizar as quotisações com as despesas de organização e tambem assegurar aos associados do H.B.G. o depósito de suas quotas na conta do Hospital em organização e subordinadas ao título com o nome de seu detentor. Estamos tambem estudando as questões que se prendem ao problema das finanças na primeira fase da organização. E essa é uma tarefa que merece todo o esforço. As estatísticas relativas às enfermidades nas coletividades estão sendo estudadas, os locais possiveis e as medidas convenientes para a próxima construção do Hospital.

(Continua na pág. 50)

NO MUNDO DA ESCULTURA

JORGE DE LIMA

A escultura sempre foi um gênero de arte em que o elemento feminino esteve ausente. E quando por acaso comparece, é para apresentar-se sob certos aspectos sentimentais flácidos e retraídos e de uma fraqueza triunfante que nos apieda. Não gosto pois dessa "legereté" feminina na escultura, nem de suas delicadas atitudes intencionais em que muitas vezes afundámos enternecidos sem sabermos que nos colheu apenas a compaixão por um utilitarismo disfarçado. Uns amigos refugiados de guerra, húngaros e rumenos trouxeram-me a notícia de uma escultora que haviam conhecido em Paris, inteiramente masculinizada e que fazia, travestida de rapaz, belas esculturas violentas e másculas. Esta escultora deve ter figurado entre os cadáveres mirrados que temos visto nos filmes dos campos de concentração. Quase que se exige aquele potencial másculo à produção de uma boa escultura. Requerem-se mesmo possibilidades teratológicas plástico-dramáticas, e é por isso que um grande inventor de monstros como o genial Picasso surge escultor da linhagem dos egípcios, dos negros, dos primitivos.

Ora, não é só a tirania política que nos priva da liberdade, do dom ansiado da liberdade, mas tudo em torno de nós vive a nos cercear este dom; e eis que as mulheres pagam maior tributo a esta espoliação ambiente que os homens. Mas há um prazer doloroso nesta obstinada luta contra os agentes cerceadores, contra esta inexorável e permanente privação de liberdade. Creio que da especulação filosófica, da excitação dêste confinamento, da ameaça desta asfixia é que tem saído as verdadeiras, grandes obras de arte. O homem vinga-se da opressão da natureza e de seus semelhantes e de todo o peso que o esmagava na vida, leis de gravidade e leis cerebrinas, pressões atmosféricas, de todo o jeito que vão até à supressão do próprio ar esmagante, criando um mundo em que seu hálito livre possa soprar o barro de suas invenções ou de suas descobertas. Entre as formas brutais da natureza e as formas policiadas pelas escolas, pela perspectiva, pelas convenções, há as que se liberam pela intuição: estas são os novos caminhos da arte.

Quando Pola Rezende me mostrou, uma noite, no Luxor-Hotel as fotografias de suas esculturas ví que ela inaugurava uma violência e fiquei surpreso. Percebí-lhe um tom impetuoso e exasperado, e registrei uma exceção no mundo da escultura feminina. A sua inquietude artística não excluia a inquietude humana, pois ao mesmo tempo que falava de arte já não podia calar as suas preocupações sociais, a sorte dos pintores pobres, o destino da arte moderna dentro de um mundo lerdo, sem agilidade para acompanhar a velocidade do artista. E minha admiração aumentou de vez, quando lhe perguntei à vista da imagem de uma de suas produções mais fortes, se conhecia o vidente e louco Barlach. E ela não conhecia o vidente e louco Barlach. Eu há alguns anos estava pressentindo um impasse na escultura mundial e ao mesmo tempo compreendia que só um espírito sem compromissos poderia remediá-la. Venho acompanhando o itinerário da escultura, e via-a confinada no realismo dramático de Rodin ou no neo-arcaismo de Bourdelle ou ainda nêsse aticismo de Maillol e de Epstein. No meio dessas solicitações opostas parecia reencontrar uma conciliação da linguagem perdida no jovem Kretz; e não a encontrei, como não a encontrei ainda no decorativo e no episódico dos modernos italianos de pre-guerra com Marini à frente. Zadkine já abandonara a obsessão de talhar fetiches, Lipchitz demitira-se procurando uma fuga no formalismo cubista, Brancusi desligara-se das contingências do cotidiano; e é quando há uma crispação dolorosa e angustiante; surge Barlach. Mas agora as perseguições políticas e a brutalidade que atormentaram o mundo haviam esmagado o criador de uma das mais trágicas e religiosas realizações da escultura. Barlach era o artista que diante do cansado e explorado corpo humano é tomado de uma nova emoção. Não recorria a nenhum ritmo nem a nenhuma atitude "a priori". O seu ponto de partida, o seu marco inicial é o homem com suas contingências, suas quédas, suas dores e suas revoltas, brados, gestos, desesperos. Barlach apodera-se violentamente desta pungente realidade. Verdadeiramente vive as obras que as suas mãos conseguem criar. Num plano oposto ao de Lipchitz e de Brancusi e de todos os cerebrinos, transmite-nos as sensações simplistas do volume, do peso, do esfôrço, dêsse esfôrço em crispação, em assomo ou em impulso trágico, tão peculiarmente barlachiano, mas também sensações morais, o pânico, a revolta, o beijo humilde, o amplexo encolhido de todos os espoliados. Nada em Barlach cinge-se aos limites do abstrato em si, desprovido de ligação com a terra sôbre que pendemos à fronte coroada de espinhos e manchada de pó. Despreza toda retórica plástica confinada em superfluidades, em sua própria consistência exangue. Despreza os "pon cifs". A fé no homem mesmo massacrado, aturdido no "dies irœ" dos bombardeios, dos "progrooms" dos campos de morte, é a razão de ser de sua arte.

Quando Pola Rezende me mostrava, no Luxor-Hotel fotografias e fotografias de suas esculturas que ela havia criado sem tutelas de mestre, sob o milagre da intuição que confere aos sêres a cultura infusa, a sua vitalidade que vence todos os obstáculos e todas as suas contradições, eu pensei nêsse desgraçado Barlach.

Diante de seu otimismo, de sua confiança nos destinos do homem, de sua fé na arte, acreditei que a escultura se houvesse animado de novo da virgem fôrça obscura e sã que afugenta todos os brados derrotistas, todos os sonhos aniquiquilados e de todas as dúvidas incoercíveis. Ví que ela quer realizar-se vivendo a sua arte, enchendo a sua vida de uma finalidade social contra as transigências e formalismos, contra os cônceitos arbitrários de todos os demônios doentes que pretendam enredar o homem de raciocínios gelados, privando-o da intimidade essencial das coisas e dos sêres.

TEATRO

MARIA JACINTHA

1. Assunto inesgotável, o teatro. Inesgotável, fascinante, apaixonante. Quem o fixa uma vez fica tomado de encantamento. De paixão salvacionista. De vontade de vencer tudo, para projetá-lo, como uma grande força luminosa e construtiva, aos olhos dos homens deslumbrados. De achar a fórmula que o revele aos mais cegos. De encontrar a arma que o defenda dos mal intencionados. De dizer coisas lindas a seu respeito. Coisas de ternura e de amor...

2 Prestes falou sobre teatro, outro dia. Outro dia quer dizer: antes das eleições. Mas Prestes estava mal informado. Não lhe haviam contado as lutas de nosso teatro — contra o DIP, contra a reação, contra tudo. Não lhe haviam mostrado o nivel de sua ascenção, em dez anos de Censura, do Serviço Nacional de Teatro, de sufocações, de campanhas fascistas ou semi-fascistas, que lhe pretendiam abafar a voz. Não lhe haviam revelado o drama dos autores, com suas peças presas pelo DIP, ou, o que é mais vergonhoso, dilaceradas pelo DIP — que era uma forma covarde de prendê-las, uma vez que os seus autores não permitiriam sua exibição, desvirtuadas. Não lhe haviam relatado a história de um público que sempre apoiou o bom teatro e de alguns críticos que nunca ajudaram, pelo silencio ou pela adesão às perseeguições, campanhas aviltantes dos agentes intelectualizados do fascismo. E nem lhe haviam dito a força que ele foi — parecendo ser fraqueza.

Porque, enquanto ria, nas "chanchadas" tão censuráveis em que muitos se amparam para combatê-lo, o teatro brasileiro ia se reconstruindo, para voltar à tona — como voltou, enfim.

Apelei para Prestes, no sentido de que buscasse informar-se melhor das realidades teatrais brasileiras. E acredito que o tenha feito. Porque creio, como todos crêm (mesmo os que o combatem ideologicamente), na profunda honestidade de propósitos e de ação do secretário do Partido Comunista do Brasil.

De nada valeram, portanto, as ameaças policiais que pairavam sobre artistas e autores nacionais: DEUS LHE PAGUE, com várias entradas em prisão, aí está viva, como expressão mais alta do talento dramático de Jorací Camargo; Fornari e R. Magalhães Junior não cederam terreno e mantiveram-se em sua posição, dentro do gênero que escolheram, sem colocarem seu teatro a serviço da reação; Viriato Correia continuou a ser romantico, porque o seu gosto é ser romantico e porque o seu teatro não é revolucionário, mas soube apoiar sempre, como crítico, como colega e como jornalista, os autores que o fascismo apontava à perseguição policial; Nelson Rodrigues surgiu, numa bela afirmação de inteligencia — que é uma réplica à limitação espiritual fascista. O espirito satírico sutilíssimo de Giraudoux, a lírica humanidade de Casona e a dolorosa humanidade de Margaret Kennedy vieram a nós, pelas idôneas mãos de Dulcina. E, ainda trazida por Dulcina, nos chegou, como uma resurreição, a mensagem de poesia de Frederico Garcia Lorca — o primeiro protesto concreto da inteligencia brasileira à brutalidade de Franco. Autores novos, como Miroel Silveira, procuraram temas da liberdade para suas peças — e aí temos BOLIVAR — O CAVALHEIRO DA LIBERDADE", ainda inédita, mas realizada. Atores veteranos, como Jaime Costa, enquanto, por um lado, defendiam seu equilibrio comercial (e isso é questão da vida particular de cada um), por outro lado tinham gestos que os colocaram em boa posição como seres que respeitam a liberdade de pensamento. E embora me repugne falar em primeira pessoa, devo aqui o meu depoimento pessoal em relação a uma atitude decentíssima e corajosa desse ator: quando, em 1937, um vespertino integralista arrancava, após grande campanha, a minha peça, O GOSTO DA VIDA, do cartaz de sua Companhia, Jaime, em Niterói, recusava-se a suspender o espetáculo, como o exigia a ordem do Ministério da Educação, respondendo que deveria levar a peça em excursão porque sua companhia era no momento oficial e obrigada a cumprir programa de escolha do Ministério, mas que, naquela noite, não a suspenderia, "por considerar gesto ofensivo à autora". E não só a levou naquela noite, como ainda, no ano seguinte, já liberto do contrato com o Ministério da Educação, já independente, incluiu, muito dignamente, a peça em seu repertorio — para uma reprise.

Durante esses anos todos de opressão, houve, no teatro, horas bem amargas de desânimo. Mas houve tambem, horas luminosas de heroismo e de vitória. Faltou demagogia; faltaram atitudes panfletárias — que pouco significam. Os fatos, porem, atestam a existencia da luta. Quem conheceria, aqui, NUNCA ME DEIXARÁS, de Margaret Kennedy, considerada, pelo DIP, "comunista, dissolvente e não exibivel", se não tivesse havido, então, a não conformidade diante de sua proibição e a coragem de defendê-la, para mostrá-la viva e inteira? Que saberiam nossas platéias de Casona — espanhol, exilado, refugiado de Franco —, se Dulcina não o tivesse atirado corajosamen-

te à nossa admiração, com A SINFONIA INACABADA (peça que, antes de ser romantica, é de grande expressão revolucionária e social) e, mais tarde, com LA SIRENA VARADA, seguida, depois, por Bibi, com E' PROIBIDO SUICIDAR-SE NA PRIMAVERA e pelo grupo de Adacto Filho, com NUESTRA NATACHA e OUTRA VEZ O DIABO. E alguem conheceria Dias Lopes, se Procópio não tivesse passado horas, no DIP, lutando contra a interdição de sua peça?

E' verdade que, às vezes, quando menos se esperava, não havia luta. Foi o caso de SANTA JOANA, de Shaw, cujo título a recomendou muito ao respeito dos censores e que voltou do DIP em tão perfeito estado de virginidade, que chegou a assustar...

O teatro teve lutas, tambem, senhores. E seus heróis da resistência. Lutas de silencios indomáveis e de estrategias perigosíssimas — que um dia serão contadas. Porque talvez um dia se escreva uma história: "Os maquis" do teatro brasileiro..."

3 Mas a luta maior do teatro brasileiro ainda não terminou. E' a luta contra os que não querem reconhecer nada disso. Contra os que atacam incondicionalmente. Contra os que silenciam seus valores — e seu valor. Contra os que lhe pretendem criar má reputação artística. E isso explica porque, de quando em quando, surgem casos que aborrecem e contra os quais a gente se sente obrigada a protestar — num ingênuo esforço de esclarecimento.

O fato mais recente, que atesta a evidencia da luta, é uma entrevista da brilhante atriz Rosa Turkow que, no ritmo dos que negam o teatro brasileiro, descobre, ante o justo entusiasmo com que o público recebeu VESTIDO DE NOIVA, que nós já estamos começando a gostar de bom teatro E' cansativo discutir isso (e mesmo hoje não encontro em mim suficiente força dramática para fazê-lo) — sobretudo quando já se fez, com fiz, um verdadeiro documentário dos mais altos momentos de nosso teatro, desde 1915, quando Itália Fausta inicia com Sophocles e Eschylo a sua jornada de bom teatro, à qual se incorporariam Ibsen, Strindbert, Tolstoi, Pinero, Sardou, Galdos, Benavente, Berstein, Bataille, Nicodemi, Suderman, Zola, D'Annunzio, etc., passando pelas realizações do TEATRO DO ESTUDANTE DO BRASIL, de OS COMEDIANTES, de Eugenia e Alvaro Moreyra, de Jaime Costa e Procópio em seus bons momentos e atingindo à culminancia artística que é, hoje, a obra de Dulcina. E tambem iriamos ressucitar velhas e adormecidas sucetibilidades.

Andávamos tão bem, ultimamente... A não ser o incidente isolado de Sarah Bernardht — ela própria um caso humano isolado — incidente mais pitoresco do que outra coisa qualquer, mais ou menos explicavel, dentro do espírito da época, e alguns desentendimentos quanto à existência ou não existencia de cobras no Rio de Janeiro, o caso é que, ultimamente, os nossos encontros com gente estrangeira vêm se processando num clima de muita harmonia. E agora vem a sra. Turkow descobrir que só há cobras e não pássaros em nosso teatro...

E' verdade que tambem muita coisa pode ser atribuida a uma particular falta de finura ou de trato, que caracteriza certos seres e que não lhes adverte, a tempo, dos limites que a ética social e artística não lhes permite ultrapassar. Hospedamos, aqui, há vários anos, Henriette Morineau — e dela só nos recordaremos, no futuro, atravez o prazer inesquecivel de suas criações de atriz em FRÉNÉSIE, L'ANNONCE FAITE A MARIE e MADEMOISELLE é da sua colaboração de diretora junto aos amadores e junto aos profissionais das Companhias Iracema de Alencar e Bibi Ferreira. Bela recordação que guardaremos como um título a mais conquistado pela França, para maior simpatia pelo espirito gentílissimo de sua gente. Tivemos aqui, durante os dois anos mais confusos de nossa vida internacional, o conjunto numeroso de Louis Jouvet — e nem deste, nem de seus colegas, qualquer coisa nos veio que nos pudesse chocar. E' uma pena, portanto, que outros não se portem tão bem como esses artistas franceses. Que não penetrem no sentido de nossas gentilezas. Que não sintam que a admiração é, em certos casos, prova de inteligência — e nunca de inferioridade. E que não saibam colocar-se à altura dessa admiração.

Aos responsáveis por esse pouco respeito pelos nossos méritos artísticos, seria demais um apelo, no sentido de que conheçam melhor, estudem mais e combatam menos o nosso teatro?

4 E' sempre com alegria que registro fatos expressivos da volta da França ao nosso convivio. Volta que tem sido uma reconquista de posição, no seu mais nobre sentido. Porque, fixando o Brasil, a França não pensou, em primeiro lugar, em retomar mercados, em vender seus produtos: irradiou sobre nós a sua irresistivel sedução espiritual — e, pela voz de seus escritores, pelo fascínio de seus artistas, reatou os laços que nos prediam à sua alma imortal.

Muita significação teve, nesse sentido, a visita da "troupe" de Jean Marchat ao Rio de Janeiro, logo depois da paz. Muita significação está tendo o esplêndido trabalho de aproximação que a Embaixada Francesa vem desenvolvendo, com a divulgação, entre nós, do que de melhor, do ponto de vista cultural, a França vem apresentando.

Não vou falar aqui, numa página exclusivamente de teatro, na

bela revista "América", nem na, em essência, não menos bela "Pages Françaises", em que estão selecionadas (no bom sentido da palavra), as produções mais significativas da atual vida intelectual francesa. Desejo, apenas, registrar o que diz respeito puramente a teatro: meu encantamento por essa fascinante "FEDERIGO" de R. Laporte, à qual pretendo dedicar comentário bem detalhado, e o aparecimento desse livro interessantíssimo de Dussane — "Reines de Théâtre" — que me chga aqui à última hora e ressuscita para todos nós figuras e fatos da história do teatro francês — desde de Marquise du Parc, que brotou do "Ilustre Théâtre", de Molíére, para a glória de representar "Andromaque" e de amar Racine ("Elle avait aimé Racine et joué Andromaque" — escreve Dussane, sintetizando sua glória), passando por Sarah Bernhardt e terminando em Julie Bartet, que deixou de existir dentro de nossos dias, a 18 de novembro de 1941.

E', portanto, todo o teatro francês, com o que ele tem de mais alto, de 1633 a 1941, que Dussane faz desfilar diante de nós, pelas duzentas e poucas páginas de seu livro — artistas e dramaturgos, universais pela sua grandeza, nas suas lutas, nas suas derrotas e na sua glória imperecivel.

5 E registro é, tambem, a estréia de Eva Tudor com CANDIDA, de Bernard Shaw.

A gripe impediu-me de ver e julgar a realização, em "premiére". Mas não me impede de sentir grande prazer com a iniciativa de Luiz Iglezias, que assim continua fiel a um programa que tem sido sempre de ascenção e vai projetando seu teatro e seus artistas para planos cada vez mais altos.

E não me impede tambem de olhar com confiança a direção do professor Eduardo Vieira, que é um velho mestre do teatro, que muita coisa boa tem feito e há-de ter sabido realizar com proficiencia e original de Bernard Shaw.

6 E, para terminar, assinalemos uma aquisição que o teatro brasileiro acaba de fazer: Genolino Amado, com AVATAR.

Oportunamente direi alguma coisa dessa comédia, da sua finura, da graça natural de seus diálogos, do arranjo delicioso de suas situações, da clara urdidura de seus elementos teatrais — um conjunto de qualidades que coloca o novo autor no plano dos melhores comediógrafos contemporâneos. Hoje, é apenas registro — por alegria de comunicar.

UMA FELIZ INICIATIVA DOS GRÁFICOS

(Continuação da pág. 45)

Tudo, enfim está nos levando a observações detalhadas. Confio muito na possibilidade de tão grande obra ser ajudada pelo governo e vamos dizer de passagem, bem a merece. Temos já em mente que os nossos serviços precisarão ser modelares. Lutaremos contra as explorações de qualquer gênero. Precisaremos da melhor instalação, da melhor aparelhagem, do melhor médico e dos melhores remédios. E tudo isso já é básico em nossas cogitações.

Faço uma estimativa mesmo de 4.000 associados na fase da organização e o cálculo não é muito otimista. O interesse é que não pode deixar de ser fundamental, a verdadeira razão de nosso sucesso.

Perguntamos ainda:

— E a questão da familia dos gráficos?

Naturalmente podem se inscrever como sócio com as mesmas vantagens de seu representante. Não seria vantajoso cuidar parcialmente de situações que se acumulam e chegam muitas vezes desencadear males muito maiores. O gráfico de outra forma não se sentiria amparado.

A conversa continuou animada e percebemos que os problemas imediatos estavam na hora de ser tratados e resolvemos então não prejudicar o inicio da reunião.

O sr. Ozon ainda acrescentou:

— Já recebemos cerca de 250 propostas até hoje. E' ou não um sinal de êxito?

Estavamos plenamente satisfeitos com tão promissoras vantagens que certamente a maioria de nossos gráficos poderão reivindicar.